

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

JOSY CRISTINA ALVES BEIJO PERES

**LEITURA E CONSUMO: AS OUTRAS MÁGICAS DE HARRY
POTTER**

Campo Grande – MS
2009

JOSY CRISTINA ALVES BEIJO PERES

**LEITURA E CONSUMO: AS OUTRAS MÁGICAS DE HARRY
POTTER**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof^a Dr^a Márcia Gomes M.
Área de concentração: Linguística e semiótica.

Campo Grande – MS
2009

JOSY CRISTINA ALVES BEIJO PERES

**LEITURA E CONSUMO: AS OUTRAS MÁGICAS DE HARRY
POTTER**

APROVADA POR:

MÁRCIA GOMES MARQUES, DOUTORA, (UFMS)

ANA MARIA FIGUEIREDO, DOUTORA, (UFMS)

MARIA EMÍLIA BORGES DANIEL, DOUTORA, (UFMS)

Campo Grande, 24 de Agosto de 2009

Ao Danilo, meu irmão caçula, um
trouxa puro-sangue que, tomado
pela magia de Harry Potter,
enfeitiçou também a mim.

AGRADECIMENTOS

À professora Márcia Gomes, não apenas por ser uma grande orientadora, mas também pela coragem de assumir um trabalho já em andamento;

À Alexia, Amanda, Danilo, Isis, Larissa, Marlom, Matheus, Raphaela, Roustan e Thaís, leitores da série Harry Potter que doaram seu tempo e conhecimento sobre o tema a horas de entrevistas, sempre contagiantemente alegres.

Aos meus pais, que mesmo com a filha já crescida, ainda se alegram em buscá-la e leva-la à “escola”, que agora fica a quase 300 km de casa;

À Ana Paula, Jazmin e Lis pelo abrigo de um ano e companheirismo para uma vida inteira;

Ao Hudson, pelo companheirismo, paciência, amor...

E, sobretudo, a Deus, a quem eu buscava principalmente nos momentos do desespero da página em branco, e que nunca deixou de me apontar os caminhos. O tema do trabalho, podem dizer alguns, é pagão e profano, mas são os homens, e não Deus, que se preocupam com isso. Ele é muito grande e sábio, está acima de tais rubricas.

Rowling

E agora, Harry, vamos
sair para a noite em
busca dessa sedutora
volúvel, a aventura.

(Rowling, p. 48)

RESUMO

A série de livros *Harry Potter* escritos pela britânica Joanne K. Rowling, que se tornou fenômeno de leitura e introduziu muitos encantos da leitura surgiu em um contexto cultural em que se discutia a suposta aproximação de uma era de fim dos livros nos formatos clássicos, e o surgimento de novas formas de leitura como as sugeridas pela internet. A série se apresenta principal e primeiramente no formato de livros, sete narrativas que posteriormente também ganharam outros suportes como filmes, jogos eletrônicos, cartas, entre outros, nos quais foi igualmente sucesso de recepção em muitos lugares do mundo, incluindo o Brasil e mais especificamente o Mato Grosso do Sul. A presente dissertação dedica-se a analisar as narrativas da série, ou seja, uma análise da emissão, os meios através dos quais ela se apresenta, um levantamento acerca dos suportes utilizados e a influência deles na leitura, e finalmente a recepção dela entre os leitores sul-mato-grossenses. Para a análise da emissão buscou-se amparo teórico nos escritos de Propp a respeito do conto maravilhoso, e para a análise da recepção, fez-se uso de entrevistas em profundidade com dez leitores da série, entrevistas estas que fazem parte do suporte teórico dos estudos de recepção. A pesquisa levantou que, para a série *Harry Potter*, a multiplicidade dos meios é aliada e não adversária no processo de leitura e compreensão da obra.

Palavras-chave: *Harry Potter*, Recepção, leitura.

ABSTRACT

The *Harry Potter* books series written by the British Joanne K. Rowling, that became a reading phenomenon and introduced many people in the charms of the reading, arose in a cultural context in which the supposed approach of an era of end of the book in the classic shape and the appearance of new kinds of reading like the suggested by the internet were discussed. The series is shown main and firstly in the shape of books: seven narratives that after also got other media like movies, games, cards, among others in which the series was also success of reception in many places of the world, including Brazil and most specifically, the state of Mato Grosso do Sul. The actual dissertation devotes itself to analyze the seven narratives of the series, which means, an analyses of its emission, the media though which it is shown, a survey of the media used and their influences in the reading, and finally, the series reception among its readers in Mato Grosso do Sul. To the emission analyses was used the Propp written about the marvelous tales, and to the reception analyses was used the deep interviews with ten readers of the series, interviews that are part of the reception studies support theoretical. This research has shown that the multiplicity of the means is an ally and not an opponent in the process of reading and comprehension of the literary.

Key-words: Harry Potter, reception, reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
METODOLOGIA	14
CAPÍTULO I: O PRODUTO/CONSUMO E A INDÚSTRIA CULTURAL	23
1.1. Introdução	23
1.2. A escrita	24
1.3. Da imprensa à internet	28
1.4. A ideia de próteses	31
1.5. Harry Potter	32
1.6. O enriquecimento dos suportes	36
1.7. Cultura/livro	38
1.8. As Adaptações de suporte	40
1.9. Harry Potter produto da indústria cultural	43
1.10. A intertextualidade midiática	46
CAPÍTULO II : UM OLHAR SOBRE O PRODUTO	50
2.1. Os livros todos	50
2.2. O todo dos livros	72
CAPÍTULO III: A LEITURA DE HARRY POTTER: ESPECIFICIDADES DA RECEPÇÃO	83
3.1. O porquê do consumo	87
3.2. Como se lê	91
3.3. O que se lê na série Harry Potter	95
3.4. A colaboração com o texto	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	105
ANEXO	108

INTRODUÇÃO

A importância do desenvolvimento do hábito da leitura e os seus desdobramentos no processo de ensino-aprendizagem, como um todo, tem sido uma das questões recorrentes no debate que se leva a cabo dentro e fora da academia sobre a educação formal e o advento dos meios de comunicação no século XX. Entre as questões pendentes nesse debate estão a discussão acerca das estratégias para o desenvolvimento do apreço ao mundo dos livros, e a concorrência deles com o tempo destinado às narrativas oferecidas por outros meios de comunicação. Em relação ao aproveitamento escolar, as análises apontam que a falta de desenvolvimento das aptidões obtidas através do contato com os livros e com a literatura se repercute no empobrecimento ou num pior desempenho na aquisição de conhecimento em todas as demais disciplinas escolares. As aptidões adquiridas através da leitura e da escritura de livros dos mais variados tipos se expressariam nas capacidades de percepção, apreensão e organização do conhecimento escolar como um todo, e na habilidade de aquisição e manejo dos demais conhecimentos relacionados com o mundo do trabalho, especificamente.

Além das dificuldades ligadas ao processo de ensino-aprendizagem escolar e da preparação para o mundo do trabalho, o contato com o mundo dos livros também tem sido tratado desde a sua concorrência com os demais suportes midiáticos. Com o advento dos meios de comunicação eletrônicos no século passado, primeiro o rádio e o cinema, depois, a televisão e a internet, têm adentrado a cotidianidade dos indivíduos/espectadores, e ocupando, por assim dizer, espaços que antes eram

exclusivos dos livros e jornais. O espaço destinado à leitura de livros, dessa forma, também é questionado desde o interesse e os estímulos despertados pelas novas mídias (internet, *videogames*, jogos em rede, e a nem tão nova assim televisão), que viriam a afastar os jovens leitores dos livros, ou seja, de uma leitura em sua forma canônica, clássica.

É nesse contexto que surge o fenômeno *Harry Potter*, uma série de livros que virou “febre” e introduziu a muitos nos encantos da leitura. Contrariamente à resistência em destinar tempo à leitura e ao argumento de que os livros não são lidos pela dificuldade em adquiri-los – são mais caros que conectar-se à televisão ou escutar rádio – os livros dessa série são um fenômeno de vendas entre os jovens, que têm se deleitado com essa leitura sem que tenham que ser constringidos a fazê-lo pelas escolas. A primeira e quase exclusiva explicação que se tem dado ao alcance de tais livros é a de que sua autora, a britânica Joanne K. Rowling soubera e sabe bem como lidar com a mídia, e que a excessiva propaganda em diversos níveis e de suportes seria o grande motor do fenômeno.

O fato é que os sete livros da série são sucesso em várias partes do mundo, incluído o Brasil, onde alcançaram as listas de mais vendidos já nos anos de lançamento. Para começar a entender esse fenômeno cabe ressaltar, no entanto, que *Harry Potter* não é apenas uma série formada por sete livros, mas uma ficção seriada que se apresenta em vários formatos, oferecendo ao leitor/consumidor múltiplas formas de leitura.

É nesse ponto que o debate sobre as mudanças nas formas/formatos de leitura se justifica. O formato do objeto livro já passou por diversas etapas, e a cada nova mudança em seu design duas correntes se opõem: a dos vanguardistas, que

apostam e entregam-se ao novo, e os clássicos, que passam a valorizar ainda mais o já existente, o seguro, o experimentado.

Nesse caso, apesar da maior facilidade de acesso e menor custo oferecidos pela internet ou o cinema, por exemplo, os jovens leitores, público alvo dessa série, compram e lêem também os livros no “antigo” formato. Seria esse fato indicativo de que a informática e as mídias ajudam na divulgação e consumo dos livros, ou está apenas acontecendo o que já aconteceu em outros momentos de mudança: uma valorização do “artesanal” às vésperas de seu desaparecimento?

A presente produção cultural é por muitos denominada de pós-modernismo, que seria a era dos “neos”, em que tudo já visto e já lido se junta formando algo não novo, mas diferente do já existente. O pastiche e a paródia seriam características marcantes dessa era, bem como a falta de profundidade de seus temas. Nesse sentido, Joanne Kathleen Rowling já tem sido formalmente acusada de plágio por causa da série Harry Potter. A justiça britânica a absolveu dessa acusação, mas persiste, porém, a de uso excessivo de histórias já existentes: Merlin e Nicolau Flamel (com a sua pedra filosofal), por exemplo, são personagens que não aparecem fisicamente nos enredos, mas cujas participações indiretas fazem com que se aponte que as narrações da britânica Rowling sejam uma espécie de colcha de retalhos de histórias clássicas de magia. Sendo um conto de magia, no presente trabalho é feita a análise da série do jovem bruxo sob a ótica de Propp, visando dar suporte para a avaliação da composição destas obras.

O crítico literário Harold Bloom (2003), ao falar da persistência do clássico *Alice no país das maravilhas*, afirma, em seu livro *Gênio* – que reúne aqueles que, segundo ele, seriam os maiores escritores de todos os tempos – que Harry Potter não alcançará tão longa duração e presença na vida dos leitores, uma vez que Rowling não

teria a mesma profundidade de Carroll. Por não ter a mesma extensão do trabalho de Bloom, nem enveredar pelo mesmo rumo que ele tomou, este estudo não se presta a traçar perspectivas para o futuro da série, por considerar as dificuldades de avaliar completamente um período cultural estando ainda dentro dele. Como afirma Saramago (1998:41), “é necessário sair da ilha para ver a ilha”. Do mesmo modo não se usará rubricas para definir a era em que a série se insere.

O presente trabalho objetiva apontar para a localização desse fenômeno de venda e leitura em seu tempo e em tantos espaços, e analisar, mais especificamente, a introdução dessa história no mercado para o público brasileiro. Para entender mais e melhor sobre o fenômeno Harry Potter, pretende-se discutir acerca das características de mercado, de mídia e de consumo, nas quais essa produção cultural se apoia e das quais faz uso para atingir seu leitor, bem como levantar as características, as especificidades das variadas formas possíveis de leitura desses textos. Dentre as possibilidades de leitura desse produto multifacetado e multimidiático, para chegar a entender o leitor brasileiro de Harry Potter, far-se-á a exploração do consumo localizado desse produto que está no fluxo global das mídias através do leitor sul-mato-grossense.

Para se alcançar tais objetivos, o trabalho foi realizado em três etapas, e cada uma delas relacionadas a um capítulo. No primeiro, O produto/consumo e a indústria cultural, buscou-se traçar um histórico através do qual o livro e a leitura caminharam desde o seu surgimento até as formas mais contemporâneas utilizadas, passando pelas etapas mais importantes desse processo e explorando as formas como os suportes de leitura foram surgindo e sendo utilizados, reutilizados ou abandonados através do tempo, para assim se chegar as várias formas e formatos nos quais a narrativa de Rowling está apoiada. No segundo capítulo, Um olhar sobre o produto, buscou-se

analisar a narrativa em duas instâncias: uma primeira que contemplasse cada um dos livros isoladamente, buscando as funções e as esferas de ação das personagens (segundo a teoria de Propp) dentro de cada um dos considerados contos de magia, e uma outra que vislumbrasse toda a saga como um único e completo conto, uma análise da totalidade da obra. No terceiro e último capítulo, *A leitura local de Harry Potter: especificidades da recepção*, foi exposta a análise da recepção da narrativa de Rowling realizada através de entrevistas em profundidade com dez leitores da obra que residem em Mato Grosso do Sul, cinco moravam na cidade de Deodápolis, uma pequena cidade com aproximadamente 12 mil habitantes localizada no interior do estado quando tomaram conhecimento da obra, e cinco que moravam na capital, Campo Grande. Nas entrevistas buscou-se compreender as formas de consumo de produtos relacionados a série e sua suposta influência na leitura, as práticas de leitura, ou seja, a maneira como esses leitores realizavam suas leituras e os locais dessa prática, a compreensão propriamente dita, o que se leu na série, o que se apreendeu dela, e finalmente, a comparação da leitura do livro com a do filme e a suposta influência de uma na outra.

O último livro da série Harry Potter, com mais de quinhentas páginas, atingiu o topo da lista dos mais vendidos do ano em pouco mais de um mês de sua publicação no Brasil, um país cujos problemas relacionados à falta de leitura são sempre presentes e latentes. Isto faz com que se justifique o interesse em realizar estudos que explorem mais e melhor esse fenômeno, através da análise das formas de inserção desse produto/livros na vida de leitores, independentemente de como queiram chamar a era cultural de sua produção ou sua suposta futilidade temática.

METODOLOGIA

Um dos grandes feitos da série *Harry Potter*, se não o seu maior, é fazer com que seus leitores se tornem seus amantes, seus apaixonados. Dificilmente se encontra um leitor que não coloque um livro de Rowling que tenha lido entre os seus favoritos. Seus leitores normalmente compram todos os livros, mesmo depois de já os terem lido emprestados ou baixados da internet. Alguns compram livros em inglês, língua em que a série foi originalmente escrita, mesmo sem dominar a leitura naquele idioma. As provas de amor pela leitura da narrativa que trata da vida escolar de um jovem bruxo órfão se multiplicaram ao longo dos dez anos, durante os quais os livros foram escritos e publicados.

No Brasil, o problema da leitura entre os jovens é ano a ano foco de discussões, que não ficam apenas nos bancos acadêmicos. A suposta falta de leitura nos primeiros anos de vida escolar e as consequências que isso viria a trazer na vida de tais jovens é explorada pela imprensa e sociedade com frequência. Mesmo em um panorama como esse, o leitor brasileiro também é apaixonado pela série britânica, também consome os produtos ligados à marca *Harry Potter* e, principalmente, lê os livros da série, tranca-se em seus quartos com livros de centenas de páginas e as lê.

Descobrir os motivos que levaram esses leitores não usuais à leitura e os que os fizeram ser fiéis à obra foram o ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho. Aliou-se a isso o fato de ser o leitor contemporâneo um leitor de muitos suportes e mídias, um leitor habituado a transitar por meios como internet, cinema, jogos interativos e outras tantas “novidades” tecnológicas, e isso, obviamente, não apenas no Brasil. Este é o leitor contemporâneo, é ele o leitor apaixonado por *Harry*

Potter, é contemporâneo, mas lê como se fazia há muitos anos, imerge no livro, o manuseia, toca, marca páginas, ou seja, realiza o ato de ler de forma tradicional.

Analisar a forma como a leitura contemporânea multimidiática infere na tradicional, e como elas funcionam e cooperam mutuamente na série estudada foi um outro objetivo buscado por este trabalho.

Para Morley (1996) o estudo do processo comunicativo deve incluir três diferentes elementos: a análise da produção dos artefatos midiáticos, a análise de seu conteúdo e a análise da recepção. Seguindo esta forma de abordar os produtos dos meios de comunicação, o presente trabalho apresenta-se em três capítulos, cada um explorando um dos elementos acima propostos: partiu-se da análise histórica da produção de artefatos midiáticos até se chegar ao momento cultural/midiático em que se insere a série *Harry Potter*, para, em seguida, analisar o conteúdo, ou seja, uma análise de sua produção, para então se analisar a recepção da série em questão.

Para se esclarecer como um produto cultural local, produzido a partir da Inglaterra, torna-se global, atinge leitores em várias partes do mundo, e volta a ser local, mas desta vez, consumido no Brasil, mais especificamente no Mato Grosso do Sul, utilizou-se os trabalhos de Warnier (2003), Gitlin (2003) e Hall (2003). Para se analisar o produto desde sua produção, ou seja, na sua emissão, tomou-se como base os estudos de Propp (2006), e finalmente, para se analisar a leitura, a recepção, foram realizadas entrevistas em profundidade, através das quais:

Supõe [se] captar a experiência do entrevistado sem seus próprios termos, aceder às significações que para ele têm os acontecimentos aos que refere-se na entrevista, reduzindo ao mínimo possível a intervenção do pesquisador. Em outras palavras, o essencial nela é *compreender desde o ponto de vista do outro*. (SÁNCHEZ 2006, p. 48)

As entrevistas (anexo I) foram realizadas diretamente entre a pesquisadora e os informantes e seguiram o modelo de conversação entre iguais, como também sugere Sánchez. Buscou-se nelas principalmente obter como o leitor de Mato Grosso do Sul experimenta uma narrativa escrita a partir da Inglaterra e pensada para um público europeu. A principal busca realizada através das entrevistas foi a mesma de que tratou Silverstone:

Abordar a experiência da mídia, assim como sua contribuição para a experiência, e insistir que isso é um empreendimento tão empírico como teórico são coisas mais fáceis de dizer do que de fazer, pois, em primeiro lugar, nossa pergunta exige de nós investigar o papel da mídia na formação da experiência e, vice-versa, o papel da experiência na formação da mídia. (SILVERSTONE 2002, p. 27)

As experiências de dez leitores, idades entre 16 e 22 anos foram ouvidas, e para analisá-las, utilizou-se basicamente os seguintes tópicos: a-) O contato com o livro, os usos dos meios de comunicação de massa (mcm), a relação entre leitura e outros produtos da marca *Harry Potter*; b-) Os livros: compreensão, entendimento, degustação da narrativa; c-) Os rituais de consumo; e d-) A comparação entre o livro e o filme.

Cinco dos entrevistados moravam em Deodápolis, uma cidade localizada a, aproximadamente, 270 km de Campo Grande e com, aproximadamente 12 mil habitantes, na época em que leram os livros da série. Os outros cinco moravam em Campo Grande, capital do MS quando realizaram a leitura.

As entrevistas, que aconteceram entre março e maio de 2009, duravam em média suas horas e foram, posteriormente, transcritas.

Um agradecimento especial cabe aos jovens e adolescentes que colaboraram com essa pesquisa através de seus relatos de leitura da obra de Rowling, todos os apaixonados leitores se dispuseram a relatar sua experiência de forma muito generosa, prestativa, e alegre não se opondo inclusive ao uso de seus nomes verdadeiros.

Alexia Fernanda : Tinha 16 anos na ocasião da entrevista, era estudante do Ensino Médio da rede Estadual e morava com os pais e irmã em Ivinhema-MS, de onde saía todas as manhãs de ônibus para estudar em Deodápolis, cidade esta, em que havia morado nos anos anteriores e onde ainda moravam seus maiores amigos. Seu primeiro contato com a série se deu através dos filmes, depois foi para os livros que leu e releu algumas vezes. Lembrou-se de ter ganhado um cubo mágico com desenhos sobre *Harry Potter* de presente de aniversário antes mesmo de saber do que aquilo se tratava. Seu personagem favorito era Dumbledore, segundo ela, por conta da sabedoria e serenidade do personagem.

Amanda Ellen : Tinha 16 anos quando foi entrevistada e morava em Deodápolis-MS com a avó materna, mãe e irmã de 13 anos. Estudante do segundo ano do Ensino Médio na rede pública do Estado e de um curso de Inglês em uma escola particular onde era bolsista, ganhara o curso por ser destaque no seu aproveitamento escolar. Amanda afirmava ter sido sempre leitora, e que teria se iniciado no mundo da leitura através de gibis. Afirmava ainda ser frequentadora da biblioteca pública de sua cidade embora acreditasse que seu acervo era demasiadamente limitado. Seu primeiro contato com a série *Harry Potter* se deu através dos filmes, e quando começou a ler os livros, todos já tinham sido publicados. Sua personagem favorita é *Hermione* e Amanda se identifica com ela por se considerar estudiosa. Todos os livros da série que leu foram emprestados, mas ela pretende comprá-los. Comprou revistas nas quais havia publicações sobre a série e todos os DVDs dos filmes já lançados até aquele momento. Amanda, normalmente, lia sozinha em seu quarto, e comentava a leitura com amigas na

escola, com a irmã, também leitora da série e com a avó, que não era. Amanda não tinha computador em casa, mas afirmava ser frequentadora de *lan houses*, onde desenvolvia trabalhos escolares e também pesquisava sobre a série Harry Potter. Outros suportes midiáticos que afirmou usar eram televisão, revistas e jornais.

Danilo Alves : Estava com 20 anos quando entrevistado e morava com os pais e irmãos em Deodápolis-MS, mas tinha morado no estado do Paraná até os 12 anos de idade. Trabalhava com o pai no comércio da família e estudava inglês. Danilo afirmou nunca ter lido um livro inteiro antes de *Harry Potter*, e que seu primeiro contato com a série se deu através do filme *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, que foi o primeiro a que ele assistiu depois de se mudar para o Mato Grosso do Sul e que foi também sua segunda experiência no cinema em toda sua vida. O fato que lhe teria chamado a atenção para o filme era a publicidade que afirmava que aquele era o filme mais aguardado do ano, por se tratar de uma saga de sucesso já nos livros. Danilo comprou todos os livros e se dizia colecionador de vários objetos relacionados à série, como canecas, camisetas, revistas, todos os DVDs. Seu personagem favorito era o próprio *Harry Potter*, mas dizia não ter nenhum tipo de identificação pessoal com ele. Comentava a leitura realizada com amigos e com a irmã, também leitora da série. Outros suportes midiáticos que dizia fazer uso eram computador, televisão e revistas.

Isis Ludmila: Estava com 22 anos quando entrevistada e morava em Deodápolis onde era funcionária do Banco do Brasil. Formada em Administração de Empresas pela UFMS, Isis morou em Campo Grande-MS até os 21 anos com o pai e os avós paternos e foi lá que teve seu primeiro contato com a série *Harry Potter* através do primeiro livro

emprestado por um amigo que o havia trazido de Portugal. Isis afirma só ter conhecido sua mãe aos 15 anos e que não mantinha contato com ela. Disse que acreditava que esse fato poderia ter influenciado seu gosto pela série. Afirmou ter sempre tido contato com livros, de ser, segundo ela, uma “rata de biblioteca” como *Hermione*, sua personagem favorita. Isis é vegetariana e associa a defesa que sua personagem faz aos elfos a uma defesa aos direitos dos animais. Comentava a leitura de *Harry Potter* com amigos da escola e do condomínio onde morava, que o associavam a jogos de RPG, dos quais ela, poucas vezes, participou. Tinha acesso à internet, dizia assistir pouco a televisão e ler muito.

Larissa Ferreira : Tinha 22 anos quando entrevistada, era aluna do curso de Jornalismo da UFMS e morava em Campo Grande com a mãe e irmãos. Os pais estavam em processo de separação. Seu primeiro contato com a série foi através de uma amiga que indicou e emprestou o primeiro livro, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, depois, ela procurou ler e assistir aos filmes na ordem em que eles foram escritos/filmados. Não comprou todos os livros da série, tomou alguns emprestados e depois de lidos, vendeu ou deu os que ela havia comprado por não gostar de reler. Possuía os DVDs. Afirmou ser ávida leitora desde criança tanto de livros como de revistas e de gibis. Tinha outros amigos que mantinham igual gosto pela leitura e com quem ela comentava o que lia ou assistia na série. Tinha namorado, mas não comentava com ele a leitura, pois ele não gostava da série. Além dos já citados, também tinha acesso a suportes midiáticos, como computador e cinema.

Marlom Marçal : Tinha 21 anos no momento da entrevista, morava em Deodápolis com os pais, formado em química no ano anterior, trabalhava como professor nessa área nas escolas estaduais do município. Seu primeiro contato com a série se deu através do filme, quando ele estava com 15 anos, levado até ele por uma amiga na escola. Afirmava gostar de livros e gibis desde criança. Gostava também dos gibis orientais, os mangás. Comprou os livros e os DVDs da série *Harry Potter* pela internet, visto que em Deodápolis não há livrarias. Lia, também na internet, os capítulos traduzidos dos livros enquanto a editora brasileira não lançava a versão em português. Seu personagem favorito era *Dumbledore*, mas ele se identificava com *Harry Potter* nos momentos de fraqueza do personagem. Normalmente lia em casa, no seu quarto, e os últimos livros no ônibus da faculdade. Afirmou não gostar de televisão e ir pouco ao cinema, mas ver muitos filmes em DVDs, utilizar, frequentemente, a internet, inclusive para jogos de RPG.

Matheus Santos: Tinha 18 anos quando entrevistado e morava com os pais em Campo Grande onde era acadêmico do curso de jornalismo da UFMS. Afirmou que *Harry Potter* não foi o primeiro livro que leu na vida, mas que foi o primeiro “grosso” e que depois da série a leitura realmente entrou em sua vida. Leu os livros, que comprou com a mãe em um supermercado, antes de assistir aos filmes. Afirmou que a primeira vez que procurou um livro na biblioteca da escola foi aos 11 anos, e procurou por um da série *Harry Potter*. Não comprou todos os livros da série, baixou alguns da internet, tendo, inclusive, baixado uma tradução infiel e diz ter reconhecido nas primeiras páginas que aquela escrita não era a mesma de Rowling. Sua personagem preferida era *Hermione*, com quem ele também se dizia identificar por tentar provar que é bom

através de seus esforços e estudo. Afirmou que o pai, evangélico, era a única pessoa que se opunha a sua leitura dessa série. Tem um blog no qual fala sobre leitura.

Raphaella Paola : Estava com 18 anos no momento da entrevista, era acadêmica do curso de jornalismo da UFMS e morava com os pais em Campo Grande. Afirmava ser leitora desde criança e que os pais a incentivavam nessa prática, mas que *Harry Potter* foi o primeiro livro “grosso” que leu, e que o fez por indicação de uma tia antes de assistir aos filmes. Raphaella tinha a mesma idade que o personagem principal quando começou a ler os livros: onze anos. Seus personagens favoritos eram *Rony* e *Hermione*, os maiores amigos e ajudantes do protagonista, segundo ela essa preferência se dava em decorrência deles simbolizarem pessoas comuns que praticam grandes atos por uma causa mas que não levam o mérito por isso. Afirmou comprar tudo que via sobre *Harry Potter*, os sete livros, os DVDs, revistas, camisetas, entre outras coisas, assistiu aos filmes no cinema e assiste novamente todas as vezes que eles são exibidos na TV. Comentava a leitura com os amigos na escola pois quase todos eram leitores da série. Afirmava que na universidade muitos a criticavam por ser leitora da série porque os livros não eram considerados eruditos.

Roustan Magno Filho: Tinha 20 anos quando entrevistado e era acadêmico do curso de Direito. Morava com os pais e irmã mais nova em Campo Grande. Leitor e colecionador de longa data, Roustan afirmava ser apreciador de histórias em quadrinhos de toda espécie, inclusive mangás. Seu personagem favorito era Dumbledore a quem ele comparava com seu pai, segundo ele, por causa da sabedoria e da tranquilidade que ambos transmitem. Afirmou ter se negado a ler o último livro da série porque que ser

personagem favorito havia morrido no livro anterior, mas tinha conhecimento de detalhes da última narrativa por ler os *spoilers* na internet e ouvir comentários e ouvir comentários de amigos. Roustan compareceu ao local da entrevista portando uma varinha “mágica” como a de *Harry Potter* que fazia parte de seu acervo de objetos relacionados à série, do qual ainda faziam parte, além dos livros e DVDs, revistas, bonecos e roupas como as usadas pelos personagens dos filmes.

Thaís Jéssica : Tinha 16 anos quando foi entrevistada, era estudante do ensino médio da rede estadual de ensino e morava com os pais, funcionários públicos, e o irmão em Deodápolis. Seu primeiro contato com a série *Harry Potter* se deu através dos filmes a que ela assistiu e comprou. Ouvia também algumas amigas comentando na escola da leitura dos livros e os pediu emprestados. Leu os sete livros em menos de um ano, na época todos já tinham sido publicados. Sua personagem favorita é *Hermione*, com quem ela diz se identificar por ser muito estudiosa. Thaís afirmou já ter muito contato e gosto pela leitura desde muito jovem, e que um de seus temas preferidos é o da magia, destacou Paulo Coelho como sendo um escritor admirado por ela. Leu os livros emprestados, não possuía nenhum exemplar da série até o momento da entrevista, mas demonstrava ter o desejo e o plano de comprá-los.

CAPÍTULO I

O PRODUTO/CONSUMO E A INDÚSTRIA CULTURAL

Eles compraram os livros escolares de Harry em uma loja chamada Floreios e Borrões, onde as prateleiras estavam abarrotadas até o teto com livros do tamanho de paralelepípedos encadernados em couro; livros do tamanho de selos postais com capas de seda; livros cobertos com símbolos curiosos e alguns livros sem nada. Até Duda que nunca lia nada teria ficado doído para pôr as mãos em alguns desses livros. (ROWLING 2000a, p. 73)

1.1. Introdução

Muitos são os valores e significados atribuídos à palavra cultura. Tomaremos, a princípio, a definição proposta por Lúcia Santaella, que afirma que, de um ponto de vista semiótico, cultura é mediação, e defende ainda que onde há vida humana há também cultura, fazendo com que, desse modo, as diferenças entre natureza e cultura sejam gradativas (desde as mais rudimentares até as mais complexas, estas últimas se manifestariam na capacidade simbólica da espécie humana) e não meramente em termos de oposições. Santaella afirma, então, que “um dos princípios definidores da complexidade está na sua impossibilidade de parar de crescer.” (2003: 219-20).

Ao se tomar a mediação como definição de cultura, o termo *indústria cultural* pode adquirir um caráter duvidoso. Como seria possível e para que seria necessário criar em larga escala, ou em escala industrial, formas de mediação?

Com a finalidade de compreender os desdobramentos da perspectiva de cultura como mediação, a seguir será feita uma descrição da história da produção cultural e de como ocorre sua distribuição, a fim de compreender o que vem mudando em sua forma de proceder, impossibilitada de parar seu crescimento.

1.2. A escrita

Em uma perspectiva evolutiva da espécie humana pode-se apontar que a posição bípede deu liberdade aos braços e as mãos dos hominídeos para aquilo que chamaremos de primeira forma de crescimento exterior do cérebro, ou seja, foi a primeira vez que a espécie pôde representar algo fora da caixa craniana. Santaella vai ainda além nesse ponto e destaca as primeiras formas de comunicação humana:

A emergência hipermediadora do neocórtex coincidiu com a posição bípede que liberou as mãos para a sutileza dos gestos. A sutileza das mãos, a gestualidade tão específica do humano, também muito cedo encontrou nas suas formas de extrojeção na pintura dos corpos e nos primeiros artefatos voltados para a sobrevivência física, esta logo seguida da produção de objetos, vestimentas, arquitetura, marcas que o intelecto humano foi crescentemente imprimindo sobre a natureza. (SANTAELLA 2003, p. 220)

Essa forma de comunicação manual, embora revolucionária, não seria a principal, pois o homem desenvolveria, mais tarde, uma ainda mais incrível: a fala, como aponta a semioticista:

Foi no próprio corpo humano que a sagacidade evolutiva instalou o aparelho fonador, apropriando-se para isso de vários órgãos funcionais, da respiração, sucção e deglutição e acrescentando-lhes a função articulatória da fala. O neocórtex e a fala são assim instauradores da socialidade, responsáveis pela emergência do pensamento que, tendo a natureza de signo, é, por sua própria natureza, externalizável, social, compartilhado. (SANTAELLA 2003, p. 220)

Além de serem úteis na comunicação e na confecção de objetos úteis para a sobrevivência, as mãos humanas ainda criariam algo que revolucionaria a história de toda a espécie: a escrita, o fenômeno cujo “aparecimento” o próprio homem moderno utiliza para separar sua história de sua pré-história. A fala foi uma forma muito eficiente de se exteriorizar as funções cerebrais, mas só funcionava sincronicamente; a escrita, por sua vez, ao demonstrar o poder de registrar e arquivar informações, inclusive para a posteridade, funciona também diacronicamente, para usar mais uma das grandes dicotomias saussureanas

Ao se falar em escrita, não se toma aqui unicamente a ideia de alfabeto, de articulação de letras ou representações sonoras, mas quaisquer imagens registradas primeiramente em paredes de cavernas, inscrições que sugerissem algum sentido, algum significado que poderia ser alcançado, ou seja, compartilhado entre um emissor e um receptor. A comunicação que aqui será tratada é aquela que se dá através da escrita, a função social da linguagem.

Alberto Manguel, um estudioso das práticas de leitura, descreve uma das mais antigas representações gráficas já encontradas:

Em 1984, duas pequenas placas de argila de formato vagamente retangular foram encontradas em Tell Brak, Síria, datando do quarto milênio antes de Cristo. (...) São objetos simples, ambos com algumas marcas leves: um pequeno entalhe em cima e uma espécie de animal puxado por uma vara no centro. Um dos animais pode ser uma cabra, e nesse caso o outro é provavelmente uma ovelha. O entalhe, dizem os arqueólogos, representa o número dez. (...) Pelo simples fato de olhar essas placas, prolongamos a memória dos primórdios do nosso tempo, preservamos um pensamento muito tempo depois que o pensador parou de pensar e nos tornamos participantes de um ato de criação que permanece aberto enquanto as imagens entalhadas forem vistas, decifradas, lidas. (MANGUEL 1997, p. 41 -2).

Há uma grande possibilidade de que a escrita (tanto o registro de figuras como letras e números) tenha sido criada e desenvolvida por motivos e necessidades comerciais. De tal forma, aquelas tabuletas onde foram gravadas as figuras da possível ovelha e as “letras” poderiam ser o “registro de posse” ou de compra e venda de um rebanho. O fato de serem elas placas, tábuas e não inscrições em paredes reforçam essa ideia, pois as tábuas podiam ser carregadas, guardadas ou modificadas, coisas que seriam de impossível realização com algo imóvel como paredes de cavernas.

Se a vantagem das pedras de argila em relação a paredes sob o aspecto comercial é enorme, a comparação com a memória no cérebro parece injusta, porque a quantidade de informação armazenável nas tabuletas era infinita, enquanto a capacidade de lembrança do cérebro era limitada, além de que para se recuperar as informações previamente registradas, as tabuletas não exigiam a presença física de quem as guardava na lembrança. A partir de então, alguém que morresse não levaria consigo todo o conhecimento que possuísse; uma pessoa que precisasse se ausentar poderia deixar registradas suas instruções à família ou empregados; estavam, de certa forma, superados alguns obstáculos que perseguiram o ser humano como as barreiras geográficas, a erosão do esquecimento e até o caráter final da morte.

Desde então se nota a adaptação das maneiras de realizar esses registros às necessidades de seus criadores e/ou usuários. Aí estão, pois, os primórdios do que viríamos a chamar de livros.

Os primeiros livros, no formato em que os conhecemos na atualidade, provavelmente nasceram da junção de várias tabuletas de argila que podiam ser guardadas, em alguma ordem determinada, dentro de bolsas ou caixas de couro. É

possível que se tenha conseguido também encadernar as tabuletas produzindo objetos semelhantes a códices

O papiro, material produzido a partir da haste seca de uma planta e mais manuseável que as pedras de argila, foi utilizado na confecção de um novo formato, o rolo. Porém, tanto as tabuletas de argila como o papiro não eram adequados à encadernação: a argila pelo peso e densidade, e o papiro por ser quebradiço demais para as brochuras. Apesar desse fato, conta-se que a solução deste problema, a criação do formato de códice, deu-se por motivos (mais uma vez) comerciais:

Segundo Plínio, o Velho, o rei Ptolomeu do Egito, desejando manter como segredo nacional a produção do papiro, a fim de favorecer sua biblioteca de Alexandria, proibiu a exportação do produto, forçando assim seu rival Eumenes, soberano de Pérgamo, a descobrir um outro material para os livros de sua biblioteca. A crer em Plínio, o édito do rei Ptolomeu levou à invenção do pergaminho em Pérgamo no século II a . C.(...) No século IV, e até o aparecimento do papel na Itália, oito séculos depois, o pergaminho foi o material preferido em toda a Europa.(MANGUEL 1997, p. 150)

O códice de pergaminho (ou velino, que vem a ser mesmo, um feixe de páginas encadernadas, e neste caso, feitas com peles de animais) tornou-se assim, uma forma comum dos livros, principalmente aqueles que necessitavam se locomover carregando-os consigo. Podiam ser divididos em capítulos ou volumes, além do que, as encadernações tinham margens inferiores, superiores e laterais, o que garantia espaço para possíveis anotações, o que era muito difícil no formato de rolo. As anotações nas margens eram, então, registro sobre o registro, memória sobre a memória.

É importante frisar que, embora possam se destacar grandes vantagens destes ou daqueles formatos e materiais, uma coisa não desaparecia com o surgimento de outra, muitos formatos e materiais coexistiram por muito tempo.

1.3. Da imprensa a internet

A grande revolução que realmente popularizou a leitura e a escrita aconteceu quando se percebeu que se poderia ganhar rapidez e eficiência se as letras do alfabeto fossem cortadas na forma de tipos reutilizáveis, e não em blocos de xilogravura então usados ocasionalmente para imprimir ilustrações. O desenvolvimento do que hoje se conhece por imprensa era, então mais uma vez, a mão e o cérebro humanos trabalhando conjuntamente na confecção de ferramentas que viriam em auxílio próprio. Acontecia uma nova e mais eficaz forma de registro e arquivamento de informações fora do cérebro humano.

A imprensa não apenas reduziu o número de horas de trabalho para a produção de um livro, mas também aumentou incrivelmente a produção dos livros, possibilitando a popularização deste objeto cuja confecção já deixava de ser obra de um escriba ou de um copista. Rapidez, uniformidade de textos, preços relativamente baixos, seria difícil levantar todas as transformações trazidas pelo uso dos tipos móveis. Porém, é importante registrar que com todas essas mudanças a imprensa não erradicou o gosto pelo texto escrito a mão; ao contrário, a preocupação com o traço elegante não desapareceu e os livros “artesanais” adquiriram *status* de charmosos. Um avanço tecnológico, como a imprensa, antes promove do que elimina aquilo que supostamente deveria substituir.

Da criação da imprensa ao que se chama era da informática, pode-se fazer uma analogia entre a situação atual dos meios de comunicação com o livro escrito à mão. Na atualidade, alguns estudiosos da indústria cultural afirmam que “os meios de áudio-visuais, variados e em incessante reinvenção a partir do computador e da internet, afugentaram legiões de potenciais leitores de livros, em especial os iniciantes” (GALVÃO, 2005 : 11), essa afirmação, porém, está em dissonância em relação a alguns fatos atuais, como o que se será aqui analisado , o caso *Harry Potter* no qual os leitores iniciantes utilizam de forma igualmente satisfatória tanto a (nova?) internet quanto o (velho?) livro.

O computador, além de promover o livro no formato de códice que (ainda?) temos, oferece uma forma de leitura que lembra muito a forma com que se liam os antigos rolos, como confirma Alberto Manguel: “esse antigo formato de livro em nossas telas de computador, que revelam apenas uma parte do texto de cada vez, à medida que ‘rolamos’ para cima ou para baixo” (1997: 51), e que nos leva a voltar a Lúcia Santaella e à exteriorização do cérebro humano.

Cada uma das extrojeções do intelecto e dos sentidos humanos, via de regra, correspondeu à extra-somatização de uma certa atividade da mente. Qualquer extra-somatização sempre significou uma perda no nível do indivíduo, perda individual que foi imediatamente compensada pelo ganho no nível da espécie. Assim foi, por exemplo, com a invenção da escrita, que significou uma perda da memória individual, mas, ao mesmo tempo, funcionou como uma extensão da memória da espécie. Sem a escrita, a memória correria sempre o risco de se perder com a morte do indivíduo. Como bem prognosticaram os antigos, a escrita, de fato, nos leva à negligência da memória individual. Por outro lado, contudo, é capaz de guardar indefinidamente a memória da espécie. (SANTAELLA 2003, p. 222)

Desde que gesticulou pela primeira vez até a fabricação do mais avançado programa de computador já lançado, passando pelas gravações em cavernas e em pedras de argila, em papiro ou couro de animais, o homem vem buscando a sua sobrevivência, a permanência de sua espécie no mundo, ainda que sob pena de perder algo (ou muito) de sua individualidade.

Uma ilustração: a Bíblia

O que se conhece por Bíblia hoje é na verdade um compêndio de 73 livros sagrados para os católicos, ou 66 para os protestantes, e surgiu dos cinco livros sagrados do povo judeu aos quais eles chamam de *Torah*, ou seja, a Lei. A conhecida lei dos judeus surgiu, viveu e foi transmitida de geração em geração de forma estritamente oral durante muitos séculos. Como já citado, isso trazia uma “desvantagem”, devido a negligência e a falibilidade da memória humana. Quando morria um sábio, morria também grande parte do conhecimento legal.

Segundo o Êxodo, o segundo livro da Bíblia, a primeira impressão de uma parte da *Torah* teria sido uma externalização não do cérebro humano, mas do cérebro, da memória do próprio Deus, que teria escrito com o seu próprio dedo os dez mandamentos em duas tabuletas de pedra (Êxodo, 31-18). Muito tempo depois, os escribas judeus escrevem a *Torah* (Gênesis, Êxodo, Números, Levítico e Deuteronômio) em sua forma mais conhecida e mais utilizada, resistindo até a época atual: o rolo de pele de cordeiro.

A imprensa mexeu, também, com a própria da Bíblia, pois consta que ela foi o primeiro livro impresso com os revolucionários tipos desta novíssima forma de

reprodução (MANGUEL, 1997: 158). A partir de então, a Bíblia não seria mais exclusividade de poucos.

Atualmente, só não é possível encontrar as tábuas sagradas onde Deus teria escrito os dez mandamentos, mas em qualquer sinagoga existe um rolo (em pele de cordeiro) da *Torah*, em qualquer igreja cristã, uma Bíblia no formato de códice, em qualquer casa (no Brasil, nos Estados Unidos, em Israel e até mesmo na China ou nos países árabes, onde a entrada dela é proibida) com computador e acesso à internet, uma Bíblia *on-line*.

Alberto Manguel relata :

Dos textos hebraicos preservados, o mais antigo em que se encontra um pensamento sistemático e especulativo – o *Sefer Yezirah*, escrito em algum momento do século VI – afirma que Deus criou o mundo mediante 32 caminhos secretos de sabedoria, dez *Sefirot* ou números e 22 letras. Do *Sefirot* criaram-se todas as coisas abstratas; das 22 letras foram criados todos os seres reais e as três camadas do cosmo – o mundo, o tempo, e o corpo humano. O universo, na tradição judaico-cristã, é concebido como um livro feito de números e letras. A Chave para compreender o universo está em nossa capacidade de lê-lo adequadamente e dominar as suas combinações e, assim, aprender a dar vida a alguma parte daquele texto colossal, numa imitação do nosso criador (MANGUEL 1997, p. 21 – 2)

O que, creia-se ou não, vem a ser uma bela forma de figurativizar o mundo sígnico com o qual e no qual interagimos, ou ainda, o mundo digital contemporâneo onde a combinação numérica adequada é a gênese de toda criação virtual.

1.4. A ideia de próteses

Para Lúcia Santaella:

Sejam quais forem as tecnologias da linguagem, aparelho fonador, instrumentos de desenho, gravura, aparelhos de foto, gravações sonoras, cinema, vídeo, holografia, computadores, redes telemáticas, são todas elas próteses, sempre complexas, algumas mais outras menos, que não só estendem ou amplificam os cinco sentidos de nosso corpo, mas também, através dessas extensões, produzem, reproduzem e processam signos que aumentam a memória e a cognição de nossos cérebros. (SANTAELLA 2003, p. 224-5)

À medida que se criava novas formas, fórmulas e aparelhos/suportes para se comunicar, o ser humano estendia, a partir de sua inventividade, todos os seus sentidos com próteses. Aí está, também, a proposta de McLuhan (1996) dos meios como sendo extensões do homem.

Santaella também aponta o fato de que a ideia de perder ou ganhar partes em seu corpo aterroriza o ser humano quase que igualmente, pois o fato de acrescentar-lhe algo ao corpo proporcionaria uma sensação de anomalia, a sensação de ser terrivelmente incomum. Apesar disso, entre as próteses estão duas formas de expressão socialmente estabelecidas como sendo “naturais”, a gesticulação e a fala, a naturalização talvez se deva ao fato de, apesar de exteriores ao cérebro, são “acopladas” ao corpo. É, provavelmente, por conta dessa aversão pelas próteses que o homem utiliza denominações de algo específico de seu corpo para atividades exteriores a ele, tais como a “memória” do computador e a câmera “digital”.

1.5. *Harry Potter*

Em junho de 1997, há doze anos, chegou às livrarias britânicas, direcionado para o público infanto-juvenil, um livro com o título *Harry Potter and the philosopher's*

stone (traduzido para o português três anos mais tarde como *Harry Potter e a pedra filosofal*). O sobrenome da autora aparecia na capa depois de suas iniciais: J. K. Rowling, que foi a solução encontrada pela então pequena editora *Bloomsbury* que imaginava que os meninos, tidos como leitores modelo (ECO, 2004) da obra, teriam alguma resistência em iniciar a leitura de um livro escrito por uma mulher.

Joanne Rowling dividiu em sete livros a narração que conta com temas como aventura, lealdade, amor e amizade, e descreve os acontecimentos fantásticos ocorridos durante sete anos de estudo de pré-adolescentes e de adolescentes em uma escola de magia, em um mundo paralelo ao mundo “real”, o dos “trouxas”, segundo a obra. Desde sua concepção, então, *Harry Potter* é uma obra de ficção seriada, e o sucesso do primeiro volume – ou episódio da série, se pensado desde à forma de seriação televisiva – teria assegurado aos seus fãs a possibilidade de “ver” (ou de visualizar através da imaginação) o desenvolvimento da saga do menino órfão introduzida no primeiro volume.

Contrariando as expectativas de seus editores, o primeiro livro ganhou não somente os pequenos leitores do sexo masculino, mas também meninas, jovens, homens e mulheres de todas as idades, e não só em seu país de origem. Os livros contando a história do menino bruxo chegaram a outros países, línguas e culturas no intervalo de alguns poucos anos, e, em 2001, a história se expandiu pelo mundo afora também através dos cinemas, num filme baseado na primeira obra de Rowling. A partir daí não foi só um livro que levou a outros livros, ou as matérias jornalísticas sobre o sucesso da série que estimulou a curiosidade pela leitura ou a compra dos novos episódios, mas a “porta de entrada no mundo da história” pode começar a ser feita também a partir do audiovisual.

Quando foi lançado o primeiro da série de filmes sobre o menino bruxo, três outros livros da série já haviam sido publicados: em julho de 1998, *Harry Potter and the chamber of secrets* (*Harry Potter e a Câmara Secreta*); em setembro de 1999, *Harry Potter and the prisoner of Azkaban* (*Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*); e em julho de 2000, *Harry Potter and the goblet of fire* (*Harry Potter e o Cálice de Fogo*). Conforme previsto, a série contou ainda com outros três títulos: *Harry Potter and the order of the Phoenix* (*Harry Potter e a Ordem da Fênix*), publicado em julho de 2003; *Harry Potter and the half blood prince* (*Harry Potter e o Enigma do Príncipe*), em julho de 2005; e, finalmente, *Harry Potter and the deathly hallows* (*Harry Potter e as Relíquias da Morte*), que chegou às livrarias à meia noite do dia 21 de julho de 2007.

Com exceção do terceiro livro, todos foram publicados no período das férias de verão europeias. Algo semelhante aconteceu às publicações brasileiras: os três primeiros livros chegaram aqui em 2000, nos meses de abril, agosto e dezembro, respectivamente, às vésperas do já anunciado lançamento do filme e anunciados como *best-sellers* por onde haviam passado. O quarto livro chegou em junho de 2001 e os últimos três ganharam as prateleiras brasileiras no mesmo ano de suas publicações inglesas, mas com alguns meses de atraso: enquanto no Reino Unido os livros começavam a ser comercializados em julho, aqui era em novembro ou dezembro, tempo, segundo a editora, que se levava para se realizar a tradução para o português, a cargo de Lia Wyler. Em comum, lá e cá, os livros chegavam às mãos de seus leitores no período das férias escolares mais longas, as de verão. Tal fato é indicativo de que esses livros não faziam parte da “chata” lista de livros cuja leitura seria obrigatória para um satisfatório desempenho escolar, mas sim os livros do tempo livre, do deleite. A leitura

deles seria um prazer comparado ao do *videogame*, da televisão ou das conversas pela internet.

Harry Potter e as Relíquias da Morte, o último da série, teve sua versão em português lançada no Brasil em novembro de 2007 e ainda assim, em menos de dois meses, fechou aquele ano como o livro de ficção mais vendido neste país: mais de meio milhão de exemplares, segundo a revista *Veja* em sua edição de número 2042 de 09 de Janeiro de 2008.

Seja na Inglaterra ou no Brasil, é evidente a preocupação com a comercialização do livro, desse objeto que ao mesmo tempo é produto e cultura: desde a escolha de como apareceria o nome da autora até a data do lançamento e passando pela escolha dos nomes das personagens, o momento da história ir para as telas de cinema etc.

Certo é que desde a primeira de suas sete obras, Rowling já deixava claro seu objetivo através das palavras de uma de suas principais personagens, a professora Minerva McGonagall: “Eu não me surpreenderia se o dia de hoje ficasse conhecido no futuro como o dia de Harry Potter. Vão escrever livros sobre Harry. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele” (ROWLING 2000a, p. 17). De fato, hoje crianças e adolescentes (e pessoas de outras idades) ao redor do mundo conhecem ou já ouviram falar do menino bruxo Harry Potter: o nome se tornou tão forte que virou marca registrada.

Além de ser um fenômeno de vendas e de ter introduzido muitos nos encantos do mundo das letras, resta saber como encaixar esses livros junto com outros livros; ou seja, fica por responder qual seria o período literário em que a série britânica estaria inserida, ou além: seriam os livros da série realmente obras literárias?

O que no momento se pode afirmar é que essas obras são fruto de seu momento cultural, um momento por muitos denominado de pós-modernismo, a era do “multi” e do “neo”, também chamada por Jameson (2002) de cultura do simulacro, de cultura da mídia por Kellner (2001) e no plural, cultura das mídias por Santaella (2003). Tantos nomes e ideias advêm de um provável espanto ou encantamento do homem com as suas próprias novas (?) formas de (re) produção das formas culturais.

Mas poderem ou não ser tidas como obras literárias, ou serem identificadas como parte de certo período literário, ocasionariam quais implicações para o aproveitamento que delas fazem os receptores? Com relação a essas obras, e também devido a sua grande repercussão e acolhida pelos jovens leitores/espectadores, é importante avaliar como se caracteriza a introdução no mundo das letras feita através dessa série de livros/filmes. A análise do fenômeno Harry Potter propicia, também, entender mais acerca desse tipo de consumo cultural, e explorar acerca do seu significado para a compreensão dos percursos feitos pelo espectador/leitor no atual contexto multimidiático.

1.6. O enriquecimento dos suportes

A forma como se lê hoje é muito diferente da leitura realizada na Idade Média, por exemplo. Mas, de certa forma, é também consequência dela, como aponta Manguel:

Até boa parte da idade média, os escritores supunham que seus leitores iriam escutar em vez de simplesmente ver o texto, tal como eles pronunciavam em voz alta as palavras à medida que as compunham. Uma vez que, em termos comparativos, poucas pessoas sabiam ler, as leituras públicas eram comuns e os textos medievais repetidamente apelavam à

audiência para que ‘prestasse ouvidos’ à história. (MANGUEL 1997, p. 63 e 64)

Pode-se dizer que Manguel também traça aqui uma ideia daquilo que Umberto Eco (2004) chama de leitor modelo, que na idade média seria um “ouvidor” modelo, e na atualidade talvez seria um leitor com habilidades e necessidades múltiplas, que não se contenta com ver ou ouvir, mas quer também assistir, tocar e até talvez sentir o gosto e o cheiro da leitura, ou ainda, de participar ativamente da produção dela.

A leitura silenciosa, que mais tarde apareceu e conquistou o público, ainda é uma das formas mais apreciadas desta prática. A leitura apresenta uma flexibilidade, pode ser individual ou coletiva, e tal flexibilidade não é meramente fruto das várias mídias hoje existentes; como se viu, a leitura em voz alta que se fazia na idade média era uma espécie de consumo coletivo.

O formato e a maneira de produção de um texto eram, mais uma vez, formas de prever o seu possível leitor. Alguém que em um período de transição possuísse ou desejasse possuir um livro concebido através da nova imprensa seria alguém que além de dispor de um importante capital para investir, era ainda uma pessoa com apreço pelas vanguardas, pelo ineditismo, pelo novo. Uma outra pessoa que no mesmo momento, optasse pela antiga cópia do escriba, por sua vez, seria alguém que prezava o tradicional.

Nas palavras de Eco, “o texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo” (ECO 2004, p. 39). O autor poderia estar se referindo ao mecanismo gerativo de sentido interno de um dado texto, mas, como se pode notar, a forma física, o formato dele pode ser também uma maneira de se supor o seu modelo, o seu momento.

Harry Potter surge em um momento singular, naquele em que a “morte” do livro é anunciada por muitos:

Os meios audiovisuais, variados e em incessante reinvenção a partir do computador e da internet, afugentaram legiões de potenciais leitores de livros, em especial os iniciantes. Pode ser que o hábito da leitura persista em outros suportes, por exemplo na tela do computador, ou em texto impresso artesanalmente a partir dela, ou em revistas e boletins eletrônicos circulando pela internet. (GALVÃO 2005, p. 11)

O público jovem para quem a obra de Rowling foi direcionada desde o seu surgimento, é o público do computador e da internet de que fala a autora, e é ainda um leitor iniciante. Tudo isso não impede que ele seja também o leitor que faz com que um livro no formato “antigo” de códice se torne em dois meses o livro mais vendido do ano, em um país a milhares de quilômetros de onde ele foi escrito e onde a história se passa e onde os “leitores”, não raramente, são acusados de serem escassos.

1.7. Cultura/livro

O livro é uma das mais antigas, mas também uma das mais fortes formas de expressão cultural. Mesmo na época da informação em “tempo real” ele ainda é capaz de se mostrar, como no caso da série de Rowling, uma forma eficiente de se fazer com que uma cultura se desloque, que viaje, que seja transmitida. A localização e a transmissão/deslocamento da cultura podem ser observados nos seguintes termos:

A cultura é uma totalidade complexa feita de normas, de hábitos, de repertórios de ação e de representação, adquirida pelo homem enquanto membro de uma sociedade. Toda cultura é singular, geograficamente ou

socialmente localizada, objeto de expressão discursiva em uma língua dada, fator de identificação dos grupos e dos indivíduos e de diferenciação diante dos outros, bem como fator de orientação dos atores, uns em relação aos outros e em relação ao seu meio. Toda cultura é transmitida por tradições reformuladas em função do contexto histórico (WARNIER 2003, p. 23)

Este trecho do autor é indicativo de sua proposta de que a cultura pode ser identificadora individual e/ou coletiva, e uma forma de se comparar com a alteridade. Warnier destaca que, nesse caso, o contato cultural intercomunitário pode suscitar tanto reações de atração (como parece ser o caso do leitor brasileiro com a estrangeira série Harry Potter) como de rejeição e até mesmo de xenofobia.

A cultura, segundo o autor, poderia ser ainda uma espécie de bússola, orientadora, com capacidade de acionar referências e formas de comunicação. Um leitor brasileiro de Harry Potter pode não saber o que é um trasgo, um centauro ou um unicórnio, que estão presentes naquelas obras e são parte daquela literatura há muito tempo, mas se ele deixar-se orientar por sua cultura, ainda que o conhecimento dela se limite a poucos livros de literatura infantil local, ele vai poder ser guiado pela ideia de monstros e animais do “bem” e do “mal” de sua própria fauna fantástica.

Além de sua capacidade de orientar e de possibilitar identificação de semelhanças e diferenças, a cultura é principalmente viva, ou seja, está sempre em estado de mutação, é flexível, se adapta, e para transmiti-la ou assimilá-la é necessário tempo. Para Santaella, “a cultura comporta-se sempre como um organismo vivo e, sobretudo, inteligente, com poderes de adaptação imprevisíveis e surpreendentes” (2003: 14). As formas de adaptação da cultura apoiar-se-iam, segundo aquela autora, nos diversos suportes que, a medida do tempo, aparecem para a produção e reprodução cultural. Segundo a autora, todos os suportes, desde o papel e as canetas até os

computadores, seriam espécies de próteses humanas que auxiliariam na produção sígnica com propósito de comunicação. À medida que os suportes se multiplicam, não fica difícil conceber o advento da indústria cultural, definida por Warnier como “as atividades industriais que produzem e comercializam discursos, sons, imagens, artes, e qualquer outra capacidade ou hábito adquirido pelo homem enquanto membro da sociedade” (2003, p. 28 e 29).

1.8. As adaptações de suporte

O momento atual é de multiplicidade de suportes e o personagem Harry Potter (conteúdo) se faz presente em quase todos os suportes disponíveis: livro, filme (cinema e DVD), trilha sonora, bonecos, jogos de computador, e até mesmo em roupas de cama. A passagem de um suporte para o outro acontece de forma a requerer que a narrativa seja reproduzida a cada etapa. Como aponta Hall (2003), os momentos da produção, da circulação, da distribuição, do consumo e da reprodução são, ao mesmo tempo, distintos e interligados. A audiência, ou seja, o leitor daqueles suportes pode ser tanto fonte receptora da mensagem como agente de câmbio dela, na medida em que, ao longo do tempo de desenvolvimento da série pode alterar o curso e até o conteúdo da mensagem.

O primeiro filme da série é extremamente “fiel” ao texto de 263 páginas, e é, por isso mesmo, um filme longo e cheio de detalhes que, apesar de ter agradado aos fãs gerou duras críticas dos estudiosos de cinema. A exagerada fidelidade aos detalhes do livro foi tomada como submissão ao texto escrito e falta de capacidade de adaptá-lo a um outro suporte. Nas filmagens seguintes a suposta “falha” foi corrigida e os filmes se tornaram mais concisos, o que fez com que muitos fãs se sentissem traídos. Dessa forma, o leitor, que é o

receptor, esforça-se (e muitas vezes consegue) para ser também emissor de pelo menos uma parte do conjunto da mensagem.

Além da complexidade intrínseca à obra “original” que traz consigo uma multiplicidade de elementos e de leituras conotativas e denotativas possíveis, no caso de Harry Potter há uma complexidade adicional, advinda de sua transposição a outros suportes, feitas, inclusive, por emissores que foram, em outro momento, receptores da obra. Por isso eles podem, seja “respeitar” e serem “fiéis” em algum aspecto à obra original, mesmo que a transposição de suporte exija uma *plus valia* de sentido para “ajustar” uma coisa à outra.

Kellner (2001) propõe que os estudos culturais sejam, na verdade, multiculturais e multiperspectívos. Para definir o termo multiperspectívico, que ele mesmo classifica como sendo uma palavra “comprida e feia”, o autor inspira-se no perspectivismo de Nietzsche, para quem:

Toda interpretação é necessariamente mediada pela perspectiva de quem a faz, trazendo, portanto, em seu bojo, inevitavelmente, pressupostos, valores, preconceitos e limitações. Para evitar a unilateralidade e parcialidade, devemos aprender como empregar várias perspectivas e interpretações a serviço do conhecimento. (NIETZSCHE, 1969: 119 *apud* KELLNER 2001, p. 129)

e que ainda afirmaria que qualquer visão ou saber só se dá em perspectiva, que seria, portanto, um modo de ver, uma “leitura” a partir de algum ponto de vista. Quanto mais perspectivas se captar, maior será a abrangência da interpretação.

Ao analisar a produção literária brasileira atual, Galvão (2005) a examina através do que chama de “linhas de forças”, a partir das quais a primeira seria a “presença avassaladora do mercado” e o valor do chamado mero entretenimento em oposição do valor do conhecimento e do esteticamente apurado. Além disso, o mercado

estimularia o desejo por aquilo que pode ser lido, consumido de forma rápida, do facilmente digerido, para que assim, pudesse estar sempre produzindo e estimulando o consumo. A escrita seria feita de forma imagética, cinematográfica, aprendidas também da televisão e dos *games*.

Os livros da série Harry Potter, deixando-se de lado neste momento seu valor literário, servem muito bem aos interesses de mercado: é digestivo, passíveis de serem rapidamente lidos, e apresentam uma espetacularização cinematográfica, além de serem, na maioria das vezes, tidos como puro entretenimento. Uma outra linha de força seria o esgotamento das vanguardas, o fim do experimentalismo e da originalidade, a exaltação ao fragmentado, ao inconcluso, à “colcha de retalhos” que estariam se tornando as formas de se ler e escrever.

O “já lido” aparece nas narrativas de Rowling a cada novo volume da série, personagens presentes como Nicolau Flamel e Merlin já existem nas histórias de magia há muito tempo. O formato, espécie de conto de fadas, também é uma forma de intertexto.

A última força proposta por Galvão é a que recebe as mais duras críticas, a globalização e sua necessidade de padronizar a produção cultural. O advento da era eletrônica que a globalização trouxe consigo seria um dos maiores golpes no livro e na leitura. É necessariamente nesse ponto que a série Harry Potter contraria tal tese. Rowling publicou, na Inglaterra, seu primeiro livro no ano de 1997. Em 2001, ou seja, quatro anos mais tarde, a história mudou de suporte pela primeira vez, foi parar nas telas do cinema. Os “leitores” deste formato se multiplicaram, mas o cinema não acabou ou diminuiu o gosto pelo livro. No Brasil, por exemplo, os três primeiros livros da série tiveram sua publicação no mesmo ano da estreia do primeiro filme, que também trouxe

em sua esteira uma série de outros produtos (suportes) como bonecos, agendas, cadernos, jogos de computador, não mais com os desenhos dos personagens, mas com as fotografias dos atores que os interpretavam.

A fórmula das histórias - início nas férias com os tios, grandes acontecimentos na escola e regresso para as férias com os tios - é certo, eram as mesmas, e desde 2001 a cada ano se alteram ou publicação de livro (último em 2007) ou lançamento de filme (próximo previsto para novembro de 2008 e último para 2010).

No caso de Harry Potter há uma multiplicidade de suportes, de formatos de “livros” e de formas de leitura. O jovem leitor de Harry Potter que, muitas vezes, acompanha seu herói em revistas que tratam de filmes e de jogos, é um leitor da era eletrônica. Além de ver as revistas, o filme e jogar o vídeo game, esse leitor ainda lê o livro em seu formato primeiro, básico em páginas de papel encadernadas, que fazem de Harry Potter, a cada nova aventura, um novo *best seller*.

Se a teoria de Galvão está correta, a série *Harry Potter* é uma exceção a ela. Na série britânica, computador (por exemplo) e livro não são oponentes, mas aliados; não duelam, mas trabalham em parceria e cooperando mutuamente para a leitura e compreensão da narrativa.

1.9. Harry Potter: produto da indústria cultural

O termo “indústria cultural” foi provavelmente utilizado pela primeira vez por dois sociólogos da chamada escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max

Horkheimer, que “pretendiam estigmatizar a reprodução em série de bens culturais, que coloca em risco a produção artística” (WARNIER, 2003 :26). A escola de Frankfurt destacava, grosso modo, os aspectos negativos da modernidade industrial, que sendo incapaz de transmitir uma cultura que atingisse os sujeitos em sua profundidade, reduzia a produção cultural a uma padronização superficial.

Em princípio, os analistas concordavam que faziam parte da indústria cultural aqueles setores produtivos cujas tecnologias permitiam a reprodução em série de bens culturais clássicos, como as imagens, a música e a palavra, o que fazia com que constassem nesse tipo de indústria, o cinema, os suportes de música gravada e a edição de livros e revistas. O consenso, no entanto, não durou muito tempo. O critério conteúdo (discursivo, visual, musical) foi considerado insuficiente e tornou-se necessário completá-lo com o critério de suporte (papel, filme, disco, televisão, satélites...). O duplo critério possibilitou que analistas, como Patrice Flichy (1980), Bernard Miège (1986) e Gaétan Tremblay (1990) traçassem o seguinte perfil para a indústria cultural:

a-) elas necessitam de grandes meios financeiros; b-) utilizam técnicas de reprodução em série; c-) trabalham para o mercado, ou em outras palavras, elas mercantilizam a cultura; e d-) são baseadas em uma organização de trabalho do tipo capitalista, isto é, elas transformam o criador em trabalhador e a cultura em produtos culturais. (WARNIER, 2003: 27 e 28).

Ao procurar uma editora para lançar seu livro, Joanne K. Rowling somente encontrou lugar, depois de muitas negativas, na então pequena *Bloomsbury*. Depois do sucesso dos três primeiros livros da série, uma grande produtora americana comprou os direitos sobre a obra cinematográfica, a *Warner Bros*, o que fez com que a necessidade de grandes meios financeiros (primeiro dos critérios acima mencionados) fosse sanada.

A partir do filme lançado em 2001, os livros, que já haviam alcançado um grande público, vão ainda mais longe, chegando a mais países e línguas. Os personagens saem das páginas e ganham as grandes telas dos cinemas, mais DVDs são vendidos, bonecos que os representam são consumidos, camisetas, jogos de computador são lançados. Os meios de reprodução em série são utilizados de forma ampla e generalizada, tanto nos suportes utilizados quanto na quantidade de lugares a que eles chegam.

O texto Harry Potter está no fluxo das mídias e nas mídias em fluxo: é traduzido em vários idiomas e adaptado em múltiplos suportes, chegando a países e pessoas com preferências midiáticas diversificadas.

Quando a pequena editora britânica aceitou publicar o livro de Rowling, sugeriu que ela usasse um codinome ou algo que pudesse disfarçar seu nome feminino. A série Harry Potter seria mais atrativa aos meninos adolescentes, e esses, segundo pesquisas da editora, fugiam de obras assinadas por mulheres, de tal forma que Joanne Kathleen Rowling, para agradar seu mercado consumidor, escondeu seus dois prénomes atrás da sigla J. K., que precede seu sobrenome.

Depois de já ter um nome tão conhecido como o de sua criatura, a criadora Rowling sofreu as pressões do mercado, dos produtores e de seus próprios leitores para que escrevesse e lançasse suas obras cada vez mais rápido, para saciar o desejo (necessidade) de lucro e curiosidade. A criadora tornou-se, de certa forma, trabalhadora subordinada aos caprichos de dois senhores extremamente exigentes: editor e receptor.

Nesse ponto, em que é possível visualizar a série Harry Potter como produto que se enquadra no perfil das indústrias culturais descritas por Warnier, cabe esclarecer a definição que esse estudioso tem delas:

Definiremos, então, como indústrias culturais, as atividades industriais que produzem e comercializam discursos, sons, imagens, artes, e qualquer outra capacidade ou hábito adquirido pelo homem enquanto membro da sociedade. (WARNIER 2003, p. 28 e 29).

Incluem-se naquela “qualquer outra capacidade ou hábito adquirido pelo homem”, os hábitos de alimentação e saúde, por exemplo. Assim, a forma cultural de se alimentar a partir de peixes crus, dos japoneses, deixou de ser repugnante para uma grande parte do mundo que aceitou e “comprou” esse discurso alimentar dos orientais, que ao sair de suas fronteiras e ter se reproduzido em outros locais, passou a ser um produto da indústria cultural. O que a série Harry Potter conseguiu foi, de forma semelhante a dos japoneses, “vender seu peixe” em larga escala, a série foi capaz de colocar-se positivamente no momento histórico em que surgiu, na era da indústria como cultura.

1.10. A Intertextualidade midiática

Dois fatores principais contribuem significativamente nas migrações das narrativas de Harry Potter para outras formas culturais, para outros suportes midiáticos: a sua apresentação como produto serializado (BORELLI 2007, p. 2) e seu público alvo, o infante-juvenil. O primeiro livro da série foi lançado em 1997, e o último em novembro de 2007; o primeiro filme lançado em 2000 e o último tem previsão de lançamento para 2011.

Um produto em série, com projetos de publicação de sete livros no total, com um intervalo aproximado de 18 meses entre uma publicação e outra e que atinge

sucesso desde seu início, precisa encontrar outros meios (mídias) para que seu público não fique “órfão” durante tão longo intervalo.

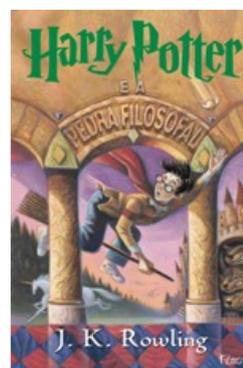
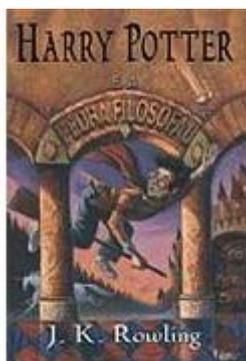
Em julho de 2007, a editora britânica Bloomsbury lançou no Reino Unido o livro *Harry Potter and the Deathly Hallows*, o episódio final da série. Muitos exemplares foram vendidos no Brasil, até mesmo para leitores não aptos para a leitura em língua inglesa, mas que desejavam ter, em primeiríssima mão, o livro que colocaria um ponto final na saga do jovem bruxo. As livrarias brasileiras venderam o livro acompanhado de camisetas, jogos de cartas, garrafas *squeeze*, canetas, cadernetas e tantos outros produtos que, supostamente, eram brindes pela pré-compra.

Em novembro do mesmo ano, a versão em português, *Harry Potter e as relíquias da morte*, traduzida, como as anteriores, por Lia Wyler, chegou as lojas e mais uma vez foram vendidos acompanhados de “brindes”. As camisetas que algumas livrarias ofereceram, no entanto, não traziam gravuras referentes ao sétimo livro, mas ao filme *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, a quinta narrativa, que na mesma semana estreou nos cinemas. O que, não necessariamente, aponta para uma mudança na forma de leitura, mas uma parceria entre as leituras possíveis:

Estamos diante de uma mudança nos protocolos e processos de leitura, que não significa, nem pode significar, a simples substituição de um modo de ler por outro, senão a articulação complexa de um e outro, da leitura de textos e da de hipertextos, da dupla inserção de uns em outros, com tudo que isso implica de continuidade e rupturas, de reconfiguração da leitura como conjunto de modos muito diversos de navegar pelos textos. (MARTIM-BARBERO; REY 2001, p. 62)

O leitor de Harry Potter é apto a captar e entender tais inserções. Quando a *Warner Bros* comprou os direitos de gravação da série, já inseriu uma mudança no tipo das letras usadas nas capas dos livros, que passaram a ter a mesma forma de raio da

cicatriz do personagem principal, e que era a mesma forma que as letras apareciam no filme.



Desde que as narrativas ganharam as grandes telas, os livros seguintes começaram a apresentar exclamações a respeito de como seus personagens cresciam, posto que Daniel Radclif, Emma Watson e Rupert Grint (atores que representam respectivamente Harry, Rony e Hermione) vão ficando mais velhos que seus personagens, pois as narrações seguem um ano escolar. Depois que o livro sai, ainda se leva algum tempo para que ele chegue ao cinema e, assim, a autora precisa resolver, dentro da história escrita, o “problema” da imagem dos atores, que têm contratos longos e são os mesmos desde o primeiro até o sexto e, possivelmente, serão os que atuarão até o último episódio.

A idade do público alvo é o segundo fator que contribuiu para a multiplicidade de suportes, do passeio midiático que a trama faz.

Ao destacar o lugar das mídias na vida das crianças (de até 18 anos) americanas, Gitlin (2003) cita o número de que 90% delas moram em casas com mais de um televisor, um rádio, um vídeo cassete, um gravador e um aparelho de DVD. A

porcentagem das que tinham computador e *vídeo game* em casa era de, aproximadamente, 70%; e ainda destaca que:

A uniformidade desse quadro não é menos espantosa. Muita coisa na vida das crianças depende de raça, sexo e classe social. Mas as principais mídias não. No caso de televisores, vídeo cassetes e rádios, a proporção dos que possuem não varia significativamente entre crianças brancas, negras ou hispânicas, nem entre meninos e meninas. Quanto a televisores e rádios, a proporção não varia muito com a renda da comunidade. (GITLIN 2003, p. 29)

Outro dado que merece destaque na pesquisa é o do tempo de exposição diária de tais crianças a esse tipo de mídia: seis horas para as europeias e seis horas e trinta e dois minutos para as norte-americanas. Não há dados para as crianças brasileiras, porém, contando que nesse caso a classe social é fator relevante e que “em todos os níveis etários, o total de exposição a todas as mídias varia inversamente segundo a classe” (GITLIN 2003, p. 30), sendo que quanto mais baixa a classe maior é o tempo de exposição às mídias, infere-se que as brasileiras estejam tão ou mais expostas que as citadas na pesquisa. Isso faz com que a série Harry Potter, que atua nos mais variados suportes midiáticos, alcance tanto o olhar do público londrino quanto de um jovem sul-mato-grossense.

CAPÍTULO II

UM OLHAR SOBRE O PRODUTO

Ele vai ser famoso, uma lenda. Eu não me surpreenderia se o dia de hoje ficasse conhecido no futuro como o dia de Harry Potter. Vão escrever livros sobre Harry. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele. (ROWLING 2000a, p. 17)

2.1. Os livros todos

Suspense e adiamento são as marcas centrais do texto de Rowling. As revelações sobre a trama são dadas aos poucos, capítulo a capítulo, livro a livro. O leitor somente as conhece à medida que elas são reveladas também a Harry, o que os coloca, leitor e personagem, na mesma perspectiva, de outro modo, o leitor, nesse caso, enxerga e conhece com os olhos de Harry, assume o seu ponto de vista, o que acentua a identificação do leitor com o personagem.

A revelação do passado da história é pré-requisito da solução dos conflitos de fundo e da solvência da situação de mal-estar do protagonista. A história vai na direção do futuro através do resgate dos elementos de explicação que ficaram para trás.

Propp, por sua vez, define do ponto de vista morfológico, o conto de magia:

Podemos chamar de conto de magia todo desenvolvimento narrativo que, partindo de um dano ou uma carência e passando por funções intermediárias, termina com o casamento ou outras funções utilizadas como desenlace. A função final pode ser a recompensa, a obtenção de objeto procurado ou, de modo geral, a reparação do dano, o salvamento da perseguição etc. A este

desenvolvimento damos o nome de *seqüência*. A cada novo dano ou prejuízo, a cada nova carência, origina-se uma nova seqüência. (PROPP 2006. p. 90)

Por se tratar de uma série, poder-se-ia sugerir que *Harry Potter* fosse tomado como um conjunto de contos fantásticos e não apenas um único. No entanto, nota-se que a primeira função proposta por Propp “um dos membros da família sai de casa” (2006, 27) acontece tão somente no primeiro livro, quando o menino perde os pais, e a morte dos pais, deixando o herói órfão, que “consiste em uma forma intensificada de afastamento” (2006, 27). Também a última função, “o herói se casa e sobe ao trono” (2006,60) acontece apenas no último livro, quando, depois de vencer seu grande inimigo, *Harry Potter* aparece, dezanove anos mais velho, casado e pai de três filhos. O que permite apontar para uma definição de que a série da escritora britânica apresenta, do primeiro ao sétimo livro, um conto maravilhoso composto por seqüências de outros contos menores.

O estudioso russo Vladimir Iakovlevich Propp lançou a teoria de que as *funções dos personagens* são elementos constantes e repetitivos dos contos de magia. As funções somariam um total de 31: *afastamento, proibição e transgressão da proibição, interrogatório e informação sobre o herói, embuste e cumplicidade, dano (ou carência), mediação, início da reação, partida, primeira função do doador e reação do herói, recepção do objeto mágico, deslocamento no espaço, combate, marca do herói, vitória, reparação do dano ou carência, regresso do herói, perseguição e socorro, chegada incógnito, falsas pretensões, tarefa difícil e tarefa cumprida, reconhecimento e desmascaramento, transfiguração, castigo, casamento*. Segundo Propp, nem todas as funções estariam sempre presentes nos contos, o número delas seria

limitado e a ordem em que elas apareceriam no desenvolvimento das narrativas sempre deveria ser a mesma. Os personagens, em um número também limitado (neste caso de sete), se distribuem de acordo com os seus atributos em *esferas de ação* - o antagonista (ou agressor), o doador, o auxiliar, a princesa ou seu pai, o mandante, o herói e o falso herói.

Na primeira narrativa, *Harry Potter e a pedra filosofal*, Harry (herói), é apresentado como um menino “normal”, que, por ser órfão, vive com os tios em uma cidade próxima a Londres. Aos onze anos Harry descobre que é bruxo, e que seus pais não haviam morrido em um acidente de carro como ele supunha, mas haviam perdido a vida ao enfrentar um grande bruxo das trevas, Voldemort (antagonista).

Se, a princípio, o que se manifestava era a carência do herói – de atenção, de afeto, de família - logo ele se intera que ela advem de um dano anterior.

O fato de ser bruxo surpreende o jovem garoto (apesar de alguns acontecimentos em sua infância terem apontado para o fato de que ele não era propriamente comum), mas não mais do que a revelação de que ele era famoso e considerado um dos bruxos mais poderosos em seu recém descoberto novo mundo. O poder atribuído a Harry se dá em consequência ao fato de que, na noite em que matou Tiago e Lílian Potter, Voldemort também teria tentado, sem sucesso, obviamente, matar o então bebê Harry Potter, filho daqueles. O insucesso fez com que Voldemort perdesse quase que completamente seus poderes, tendo desaparecido na mesma noite. Ao jovem bruxo órfão, ao menino que sobreviveu foi dado o crédito por livrar o mundo dos bruxos de seu maior inimigo e, caso retornasse, em algum momento, esperava-se que Harry Potter tivesse poder suficiente para exterminá-lo definitivamente. Para tanto, seria necessário que ele frequentasse *Hogwarts*, uma das mais conceituadas escolas de magia,

o que os seus tios, Walter e Petúnia Dursley, proibem veementemente. Por serem eles *trouxas* (não bruxos) acreditam que ter alguém da família naquele tipo de escola seria algo totalmente vergonhoso. O jovem herói, no entanto, aceita ir à escola mesmo sem a aprovação dos tios.

É, assim, estabelecida a parte inicial, preparatória, do conto. Estão, até esse ponto, dispostas as funções de afastamento (dos pais), da proibição do herói em fazer algo (frequentar a escola de magia, ser um bruxo), e a transgressão de tal proibição (a ida à escola) e o dano (a divulgação de que os pais do menino não tiveram uma morte acidental, mas foram assassinados).

A partir da decisão de ir a Hogwarts, Harry e os leitores são apresentados ao mundo mágico de Rowling através de Rúbeo Hagrid, o meio-gigante guardião das chaves de Hogwarts, que fora expulso da escola por motivo desconhecido e é por isso proibido de usar magia, e que, nesse momento, representa uma espécie de guia que aponta, enumera e explica as características e particularidades desse novo universo.

A caminho da escola, no Expresso de Hogwarts, o herói (juntamente com o leitor, sempre importante se frisar) conhece aqueles que virão a ser seus principais colaboradores, Rony Weasley, Hermione Granger (que estarão sempre ao seu lado nos melhores e nos piores momentos), Neville Longbottom (um amigo meio atrapalhado, mas que também conseguirá ajudar o herói em momentos importantes). É a caminho da escola que conhece aqueles que virão a ser seus adversários durante os anos de escola – Draco, Crabbe e Goyle – filhos de comensais da morte, ligados a Voldemort.

Em seus primeiros dias na escola, entre uma aula de Herbologia e outra de Poções ou Defesa contra Artes das Trevas, entre lições de como voar com vassouras ou numa conversa com os fantasmas que habitam em Hogwarts ou com as pessoas que

moram nos quadros das paredes, Harry se vê envolvido com a segurança de um objeto que estava sendo guardado em sua escola, a pedra filosofal, que dá nome à primeira etapa ou episódio da história, e que seria uma espécie de elixir da vida eterna que estaria sendo procurado por Voldemort, para que ele pudesse voltar à vida.

Em suas 263 páginas, na versão em português, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, se presta ao papel de, além de mostrar os questionamentos do herói sobre o mundo mágico ao qual ele vai sendo apresentado, também apresentar a primeira sequência, as primeiras esferas de ação dos personagens.

As esferas de ação

O jovem bruxo *Harry Potter* preenche a esfera de ação do herói cuja busca é a pedra filosofal, que ele precisa encontrar antes de *Voldemort* o faça. O professor *Dumbledore* encabeça a lista dos doadores, uma vez que é através dele que o herói consegue a capa da invisibilidade que o capacita a realizar algumas tarefas difíceis. *Rony, Hermione e Hagrid*, compõem a esfera de ação dos auxiliares, posto que auxiliam e até realizam algumas tarefas por Harry. Além de Voldemort, que é o grande agressor, também fazem parte da esfera do antagonista o professor *Quirrel*, que nesta narrativa é o maior auxiliar de Voldemort, Draco Malfoy, um jovem bruxo da idade de Harry e membro de uma família puro-sangue, ou seja, só possui ascendentes de origem bruxa, se orgulha excessivamente disso achando-se superior aos demais em consequência apenas desse fator “genético”, e Severo Snape, o misterioso professor de poções. O primeiro livro é uma apresentação do mundo dos bruxos, a *Harry Potter* e ao seu leitor.

Quadro 1

Esfera de ação	Herói	Doador	Auxiliar		
Personagem	Harry Potter	Dumbledore	Rony	Hermione	Hagrid
Ação	Busca e protege a pedra filosofal	Doação/entrega da capa da invisibilidade ao herói	Realiza, no lugar do herói, a disputa de xadrez de bruxo	Desvenda um enigma que ajuda na busca do herói	Fornece algumas informações importantes ao herói
Função	-A partida para realizar procura	-O Fornecimento de objeto mágico ao herói	-O deslocamento do herói no espaço - A resolução de tarefas difíceis		

Esfera de ação	Antagonista			
Personagem	Voldemort	Quirrel	Draco	Snape
Ação	Matou os pais de Harry e busca obter a pedra filosofal para fins duvidosos	É através de quem o grande antagonista age	Opõe-se ao herói e a seus amigos em pequenos conflitos	Dificulta o acesso do herói a algumas informações importantes
Função	- O dano - Outras formas de luta contra o herói	-O dano		

O herói Harry Potter inicia o segundo episódio da narrativa, *Harry Potter e a Câmara secreta*, na casa de seus tios trouxas, os Dursley, que nessa segunda etapa demonstram um certo tipo de medo em relação ao jovem bruxo, agora já iniciado em sua arte.

Nessa parte do conto é inserido aquele que virá a ser também outro grande auxiliar do herói: Dobby, um elfo doméstico de Lúcio Malfoy (pai de Draco), uma espécie de criatura mágica subjugada pelos humanos bruxos. A criatura aparece pela primeira vez para Harry Potter e seu leitor, ainda no mundo “real”, na casa dos tios, tentando evitar a ida do herói à escola e alertando-o sobre os supostos grandes perigos a

que ele estaria exposto naquele ano. Apesar das dificuldades impostas pelo elfo, Harry consegue sair da casa dos tios e chegar à Hogwarts, onde, pela segunda vez, ele é impelido contra um mistério. Fatos estranhos fazem surgir a ideia de um monstro que habitaria uma câmara secreta da escola, e que estaria atacando os alunos, e por descobrir-se (e ser descoberto) ofidioglota, ou seja, apto a falar com cobras, habilidade esta atribuída a bruxos das trevas, Harry torna-se suspeito pelos atentados contra os alunos. Tal suspeita torna-se mais um dos motivos para que o garoto com tendência a herói sinta-se responsável por descobrir e desvendar o mistério, bem como salvar seus amigos “mumificados” pelo monstro. O herói Harry Potter é, portanto, enviado à batalha, não por alguém especificamente, mas pelas circunstâncias e pelo desejo pessoal.

As esferas de ação

Os personagens Rony (que acompanha o herói até sua batalha final), Hermione (que é quem descobre como se chegar até o monstro) e Hagrid (que fornece algumas informações sobre a câmara secreta) continuam atuando na esfera de ação dos auxiliares. O professor Dumbledore continua na esfera de ação do doador, pois através de sua fênix Fawx, entrega a Harry a arma com a qual ele executa o Basilisco (monstro da câmara secreta), a espada de Griffindor. Voldemort, através de seu “fantasma” aprisionado em um diário e sob sua forma mais jovem – Tom Riddle – é o causador de todos os males e danos desta narrativa, compondo assim, a esfera de ação do antagonista.

Há, nessa narrativa, a introdução da esfera da princesa, composta por Gina Weasley, irmã do melhor amigo do herói: é em busca de sua salvação, do resgate dela

que Harry entra na câmara secreta. Harry a salva e livra a escola do Basilisco, sanando assim os danos iniciais causados por seu antagonista, e como não poderia deixar de ser, termina a narrativa sendo aclamado como herói por todos seus amigos e muitos de seus professores.

Se a oposição bem e mal na primeira narrativa era esboçada sobre a rubrica de ricos contra pobres, na segunda emerge o problema central que vai persistir por todo o arco da história: a oposição dos ditos sangue puros (aqueles cuja ascendência é totalmente bruxa) e os impuros, que seriam fruto da mistura de bruxos com trouxas, sendo os personagens “bons” são classificados não desde serem puros ou impuros, mas seriam os tolerantes às diferenças e defensores da miscigenação, e os “maus” aqueles que se vangloriam independentemente de seus méritos ou capacidades pessoais, quase que exclusivamente da pureza de sua origem.

Quadro 2

Esfera de ação	Herói	Auxiliar		
Personagem	Harry Potter	Hermione	Rony	Hagrid
Ação	Descobre a câmara secreta e salva Gina Weasley	Descobre como se chegar à Câmara Secreta e fornece a informação ao herói	Acompanha o herói no caminho para a câmara secreta	Fornece informações importantes sobre a história da escola e da câmara secreta
Função	- A partida para realizar procura	- Resolução de tarefas difíceis - O deslocamento do herói no espaço		

Esfera de ação	Doador	Princesa	Antagonista
Personagem	Dumbledore	Gina Weasley	Voldemort
Ação	Envia a Fênix que, além de levar a arma de que o herói precisa, também fornece sua lágrima que cura e salva o herói	É salva por Harry Potter	Liberta o monstro da câmara secreta que ataca alguns alunos e aprisiona Gina Weasley
Função	-O fornecimento de objeto mágico ao herói	-A proposição de tarefa difícil	-O dano - Outras formas de luta contra o herói

O terceiro livro é marcado pela ausência física de Voldemort. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* trata de temas mais humanos, mais familiares e afetivos da vida do herói Harry Potter.

O prisioneiro de Azkaban (a penitenciária dos bruxos) que dá título ao livro, é Sirius Black, o padrinho de Harry e amigo de Tiago e Lílian Potter. Ele era acusado de ser um comensal da morte e traidor de seus amigos, a Black acusavam de ter sido o delator que revelara a casa dos Potter a Voldemort na noite do assassinato do casal. Ao cabo da história descobre-se que o real delator era outro amigo do casal, Pedro Pettigrew, o animago que desde o início da história (o primeiro livro da série) vivera na forma do rato de Rony Weasley.

Através de Black, com quem Harry desenvolve grande afeto, o menino passa a conhecer fatos importantes da vida dos pais: seus grandes amigos, o próprio Sírius, o traidor Pettigrew, o atual professor (e lobisomem) de defesa contra as artes das trevas (que ensinou a Harry a conjurar o seu patrono para espantar os dementadores, os monstros que guardavam a prisão bruxa e que estavam soltos à procura de Black) Remo Lupim, e uma desavença em comum, Severo Snape, a quem Tiago e seus amigos ridicularizavam.

Esse livro esclarece o “para trás” da história, a forma como ocorreu o dano inicial, quem foram os atores implicados. Por outro lado, dá um passo decisivo para a reconstrução da vida afetiva e familiar de Harry Potter.

O herói e seus amigos não conseguem provar a inocência de Sírius, que precisa continuar escondido, mas o jovem bruxo agora sente que tem em seu padrinho algo parecido com uma família, e isso é o que o herói buscava desde as primeiras páginas da primeira narrativa: o amor familiar.

As esferas de ação

A função de Harry Potter como herói na narrativa se dá através de sua busca pelos acontecimentos da vida de seus pais e de sua própria até o momento da morte deles. Harry é, mais uma vez, impelido à busca não por ordem expressa de algum outro personagem, mas através dos fatos, circunstâncias e de seu próprio desejo pela busca por respostas.

Rony e Hermione são, mais uma vez, os auxiliares. Eles acompanham o herói na busca por suas respostas, voltam com ele no tempo para mudarem os acontecimentos de um dia, descobrem ao lado dele informações importantes sobre a família de Harry e sobre seu padrinho, Sirius Black.

O personagem Hagrid, o agora professor de *Trato de Criaturas Mágicas*, aparece nesta narrativa como doador ao ceder seu *hipogrifo*, uma criatura alada, para a fuga de Sirius Black, o padrinho que o herói conheceu e queria proteger. Na ausência de fatos relacionados a Voldemort, Pedro Pethgrew ocupa a vaga de antagonista, em cuja esfera de ação também atua o professor Snape, por tentar esconder alguns fatos ou dificultar o acesso do herói a eles. Pedro Pethgrew é o elo de ligação com Voldemort.

Quadro 3

Esfera de ação	Herói	Auxiliar	Doador	
Personagem	Harry Potter	Rony e Hermione	Hagrid	Minerva MacGonagal
Ação	Busca de sua própria história e da história de sua família	Acompanham e auxiliam o herói em sua busca de informações	Cede um Hipogrifo que ajuda o herói a salvar seu padrinho	Doa o “vira-tempos” que possibilita que o herói e seus auxiliares voltem no tempo
Função	-Partida para realizar procura	-O deslocamento do herói no espaço -A resolução de tarefas difíceis	-O fornecimento de objeto mágico ao herói	

Esfera de ação	Antagonista	
Personagem	Pedro Pethgrew	Severo Snape
Ação	É descoberto como sendo o verdadeiro traidor dos pais do herói	Esconde informações ou dificulta o acesso a elas
Função	-O dano	

O quarto livro da série poderia ser definido como o livro das competições, pois se inicia com a copa do mundo de quadribol e tem como acontecimento central o torneio tri-bruxo, uma competição entre três grandes escolas de magia que definirá o maior bruxo entre elas. Mesmo sem ter idade suficiente, Harry, juntamente com Cedrico Diggory, é selecionado para representar *Hogwarts* e vence o torneio.

Na última etapa da prova, ao tocarem juntos na taça (transformada em uma chave de portal) da vitória, Harry e Cedrico são enviados a um cemitério onde estão Voldemort e alguns comensais da morte; o vilão mata Cedrico e usa o sangue de Harry para fazer uma poção que lhe restitui o corpo e lhe confere novamente grande parte de seus poderes. Harry consegue escapar, leva consigo o corpo do amigo e adverte a comunidade bruxa sobre o retorno de seu grande inimigo. Porém, somente Dumbledore, o diretor de *Hogwarts*, dá crédito às suas palavras.

As esferas de ação

O herói Harry Potter, em seu quarto ano na escola de magia, é enviado à sua batalha, o torneio tribruxo, por motivos alheios a sua vontade, mas por intermédio do falso professor Moody, que entra, assim, na esfera de ação do mandante, que aparece pela primeira vez em toda a história. O herói não sabe que está sendo enviado por alguém, mas mesmo assim obedece ao envio. Na esfera de ação do auxiliar continuam, apesar de alguns atritos, Rony, Hermione, Hagrid e - nesse episódio também Cedrico -, que auxiliam o herói na solução de algumas tarefas difíceis. O grande doador nesse episódio é Neville Longbottom que, apesar de atrapalhado, é um profundo conhecedor de Herbologia, o que faz com que ele saiba qual é a exata erva de que o Herói precisa para a realização de uma importante tarefa, encontra-a e a doa ao herói no momento oportuno. Mas, o jovem Longbottom o faz através do falso professor Moody, que mesmo por motivos distintos dos de Neville, também é um ajudante. Voldemort volta a encabeçar a esfera de ação do antagonista ao retornar em sua forma de vida normal, corpórea, e com seus comensais da morte auxiliando-o a perseguir o herói. Curiosamente, é do herói que o vilão rouba o sangue que o traria de volta à vida.

Ao final de *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, o livro em que Harry tem sua primeira desilusão amorosa, o menino bruxo e seus leitores também têm o seu primeiro contato com a morte desde a morte de Tiago e Lilian Potter. Harry ainda é visto como herói por ter vencido o torneio, mas já não é mais unanimidade, visto que muitos pensam, ou desejam pensar que ele mente sobre a volta de Voldemort.

A questão da pureza e impureza entre os bruxos, ou mais profundamente a questão da aceitação da diferença, é reafirmada como o ponto central da história. O

grande torneio que envolve toda a narrativa é disputado ombro a ombro, de igual para igual entre homens e mulheres, como em todos os jogos de quadribol desta e das outras narrativas da série. A francesa Fleur Delacour se destaca entre seus oponentes mais pelo seu sotaque que pelo seu sexo, assim como ocorre com Victor Krum com os músculos em oposição a sua aparente pouca inteligência. A narrativa aponta para uma imagem de igualdade étnica, racial e sexual sem levantar abertamente nenhuma bandeira, mas como se isso fosse algo intrínseco ao comportamento dos “bons” bruxos.

Quadro 4

Esfera de ação	Herói	Mandante	Auxiliar
Personagem	Harry Potter	Falso Moody	Rony, Hermione, Hagrid e Cedrico
Ação	Participa e vence o torneio tribuxo	Adiciona o nome de Harry ao grupo dos participantes do torneio fazendo com que o jovem parta para a disputa	Descobrem e fornecem informações sobre as tarefas difíceis que o herói precisa realizar
Função	- Partida para realizar procura	-O envio do herói	- A resolução de tarefas difíceis

Esfera de ação	Doador		Antagonista
Personagem	Neville	Falso Moody	Voldemort
Ação	Descobre e fornece ao herói uma erva mágica	É quem fornece, direta ou indiretamente, os objetos mágicos de que o herói necessita.	Cria uma armadilha para capturar o herói e, com seu sangue, tornar a retomar sua forma humana
Função	- O fornecimento de objeto mágico ao herói		-A perseguição - O dano -Outras formas de luta contra o herói

Já no início da quinta narrativa Harry enfrenta dementadores que atacaram a ele e a seu primo Duda em uma rua habitada por trouxas. Depois de afastar os monstros,

o bruxo descobre que a Sra. Figg, vizinha dos Dursley e quem cuidava dele quando seus tios se ausentavam, também era bruxa.

A Ordem da Fênix descobre Harry mais uma vez juntamente com seus leitores, é formada por um grupo de bruxos e bruxas liderados por Dumbledore que já existia quando Voldemort atacou pela primeira vez e que voltaram a se reunir com o regresso dele para tentar detê-lo. Harry e seus amigos não podem fazer parte da Ordem por serem menores de idade e ainda não terem se formado em *Hogwarts*. Mas, a partir de uma ideia de Hermione, Harry cria sua própria ordem, a Armada de Dumbledore, um grupo de alunos que, com a saída de Dumbledore da direção da escola, se reúne com Harry para aprenderem e praticarem feitiços que podem ser úteis em um confronto com comensais da morte.

Em seu quinto ano em *Hogwarts*, Harry reafirma alguns laços de amizade, cria outros e até dá seu primeiro beijo, em Cho Chang, a antiga namorada de Cedrico Diggory. É também nesse ano que ele descobre que é o escolhido para enfrentar Voldemort, e como dizia a profecia “um não viverá enquanto o outro sobreviver”. Mas o mais trágico estaria guardado para o final: o padrinho de Harry, Sirius Black, é assassinado pela prima dele, a comensal da morte Bellatrix Lestrange, e tudo acontece ao alcance da vista de Harry, que, mais uma vez, presencia uma morte, e volta a perder o seu mais forte laço de afeto familiar.

As esferas de ação

O herói, nesse episódio, está em busca de aliados. Há uma proibição expressa de que ele faça parte da *Ordem da Fênix*, e o único motivo para tal proibição é

a tenra idade de Harry. Mas o herói, que não se prende à pureza de origens, não faz distinção de pessoas levando em conta o sexo e valoriza igualmente tanto humanos quanto elfos, não se deixando frear por ser jovem. Ainda assim Harry precisa de um mandante, de alguém que, em sua esfera de ação, o envie em direção a sua busca, e quem faz isso é Hermione, a maior incentivadora de Harry, engajada na tarefa de fazê-lo aceitar-se como herói e posicionar-se como professor para um grupo de pessoas que, como ele, são jovens e estão dispostas a lutar contra o mal. Harry, que já enfrentou o grande vilão Voldemort cara a cara e escapou sempre com vida, é por esse fato escolhido para ensinar aos seus colegas formas de magia com as quais somente ele teve contato. Da esfera de ação do auxiliar fazem parte muitos membros da *Ordem da Fênix* e da *Armada de Dumbledore* (o grupo de estudantes liderado pelo herói), com destaque para Rony, Hermione, Gina, Luna e Neville que, ao lado de Harry, duelam com os *comensais da morte* no ministério de magia. Dobby, o elfo doméstico, volta a aparecer e desta vez sua aparição se dá como doador, pois é ele quem indica a Harry o lugar de que ele precisa para treinar sua armada, seu jovem exército. O mal também não escolhe sexo para se manifestar, e Voldemort, mais uma vez o grande antagonista, recebe como companheiras em sua esfera de ação duas mulheres: Belatrix Lestrange a prima que assassina Sírius Black, e a pavorosa professora Dolores Umbridge, designada pelo ministério de magia para comandar Hogwarts.

A revelação da profecia que une o antagonista ao herói e a morte de Sírius Black, deixando Harry Potter mais uma vez sem o amor familiar, são os pontos altos desta narrativa, em que mais uma vez os laços de amizade, os valores morais, o companheirismo e a fidelidade são exaltados, e a valorização da pureza de sangue ou

origem é algo acentuado ou valorizado exclusivamente pelos personagens do “eixo do mal”.

Quadro 5

Esfera de ação	Herói	Mandante	Auxiliar	Doador
Personagem	Harry Potter	Hermione	Membros da Ordem da Fênix e da Armada de Dumbledore	Dobby
Ação	Busca por aliados	Incentiva Harry Potter a formar uma espécie de grupo prático de estudos mágicos	Aliam-se ao herói e o auxiliam em um combate	Localiza e entrega a Harry o local para que ele faça o treinamento com seu grupo
Função	-Partida para realizar procura	-O envio do herói	-A resolução de tarefas difíceis	-O fornecimento de objeto mágico

Esfera de ação	Antagonista		
Personagem	Voldemort	Belatrix LeStrange	Dolores Umbridge
Ação	Duella com Harry	Mata o padrinho do herói	Persegue Harry e tortura ele e seus amigos para tentar obter informações
Função	- O Combate	-O dano	-A perseguição

O penúltimo livro da série complementa o terceiro no resgate de lembranças e de respostas no passado da história. Em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* Dumbledore leva Harry, através de um objeto chamado *penseira*, a resgatar uma série de lembranças deixadas por outros bruxos e que oferecem um vislumbre da vida do menino Tom Riddle, de sua família e dos porquês de sua maldade.

O personagem Dumbledore guia Harry (e seus leitores, é sempre importante lembrar) através de muitas lembranças que mostram a estranha família da mãe de

Voldemort. Mérope Gaunt, de uma família de bruxos “puro sangue”, que se apaixona por Thomas Riddle, um trouxa que não demonstra o menor interesse por ela, o que faz com que a bruxa lance um encantamento e faça com que ele se apaixone por ela. Depois de grávida, Mérope cessa com suas poções do amor, crente de que Thomas a ame verdadeiramente; porém, livre do feitiço, ele a abandona. Mérope morre logo após o parto, e a criança, Thomas Marvolo Riddle é entregue a um orfanato.

O ódio de Voldemort (que muda o nome por não querer carregar o nome de seu pai trouxa) pelos trouxas seria, então, uma consequência de seu abandono por seu pai não-bruxo, a quem ele teria assassinado assim que descobriu sua verdadeira história.

A vida no orfanato, sozinho, sem irmãos, amigos, pais, a forma que se descobrira bruxo, o encantamento que o deslumbrou quando chegou a *Hogwarts* pela primeira vez, muitas coisas na vida do jovem Voldemort faziam com que Harry se identificasse com ele e que o leitor relembresse os primeiros anos do herói. Mas a grande revelação do livro se dá em relação à forma da existência do vilão. Era isso, mais do que qualquer outra coisa, que Dumbledore queria que Harry soubesse: que Voldemort havia dividido sua vida em sete partes e as guardado em sete diferentes objetos, que se chamavam *horcruxes*; um era o diário que Harry havia encontrado e destruído ainda em seu segundo ano em *Hogwarts*, outro era um anel de família, que o próprio Dumbledore havia destruído, um terceiro seria um medalhão da família Slytherin que Harry e o diretor encontraram e o quarto, supunham, seria a cobra Nagine, companheira inseparável do Lorde das Trevas. Mas os outros três ainda deveriam ser encontrados e destruídos, antes de se destruir definitivamente o próprio Voldemort.

Ao voltarem de sua busca pelo medalhão/*horcrux*, Harry e Dumbledore descobrem que comensais da morte haviam invadido *Hogwarts*. Ao entrarem no castelo

da escola, acontece a terceira morte presenciada por Harry em sua vida escolar: a de Dumbledore, assassinado pelo professor Severo Snape, o príncipe mestiço de quem Harry sempre desconfiava, mas que gozava de total confiança do diretor da escola.

As esferas de ação

Dumbledore, ao longo dessa sua última participação ativa na história, ocupa a esfera de ação do mandante, uma vez que é ele quem envia Harry para a busca não apenas por Horcruxes, mas de conhecimento sobre a vida de Voldemort. O diretor de Hogwarts acompanha o herói em sua busca, o que faz com que ele também aja na esfera dos auxiliares, onde estão os sempre presentes Rony, Hermione, Hagrid e mais uma vez os membros da antiga *Armada de Dumbledore*, Luna, Neville e Gina Weasley. Dumbledore pode ser classificado ainda em uma terceira esfera de ação, a do doador, uma vez que ele é quem disponibiliza as memórias, as lembranças e as formas de acessá-las (a penseira), que são os objetos mágicos que auxiliam o herói nessa etapa.

Na esfera do antagonista, Voldemort recebe o apoio, além de outros comensais da morte, de Draco Malfoy, que recebeu do grande vilão a missão de matar Dumbledore e de Severo Snape que, diante da hesitação de Draco, foi quem executou o diretor de Hogwarts cujas últimas palavras foram “Severo, por favor” (2005: 468), acentuando assim a dúvida sobre o posicionamento desse professor.

O episódio em que Harry começou a namorar Gina Weasley acabou com o funeral de Dumbledore onde Harry também rompeu com a namorada, para estar livre na sua caçada às horcruxes, e recebeu promessas de fidelidade e companheirismo de Rony e Hermione, que se comprometeram a acompanhar Harry em sua busca, esse foi, também, o episódio em que o jovem Malfoy definiu explicitamente sua posição ao lado

dos antagonistas, apontando-se assim para a ideia de que tal qual sexo e origem, a idade também não é o princípio que define as pessoas como “boas” ou “más”. O parentesco, também, não é o fator apontado pela história como sendo o que define de que lado as pessoas estão. Se Draco alia-se a Voldemort com seu pai, mãe e tia, o mesmo não se dá com Sírius que opta por não fazer apologia aos puros-sangues mesmo sendo de uma família 100% bruxa e aparentada com os Malfoy.

Quadro 6

Esfera de ação	Herói	Mandante	Auxiliar	
Personagens	Harry Potter	Dumbledore	Dumbledore	Membros da AD
Ação	Busca informações sobre a vida do antagonista	Dá ordens a Harry sobre descobrir fatos a respeito da vida de seu opositor	Acompanha Harry em sua busca	Lutam ao lado de Harry quando a escola é invadida
Função	- Partida para realizar procura	- O envio do herói	- O deslocamento do herói no espaço	- Salvamento durante perseguição

Esfera de ação	Doador	Antagonista		
Personagens	Dumbledore	Voldemort	Draco	Snape
Ação	Doa suas memórias e as de outros que ele havia conseguido previamente	Envia seus aliados para tentarem deter o herói e seus auxiliares	Tenta matar Dumbledore	Mata Dumbledore
Função	-O fornecimento de objeto mágico ao herói	- A perseguição	- O dano	

O sétimo e último livro inicia-se com Harry despedindo-se da casa de seus tios e recebendo o agradecimento e reconhecimento de seu primo durão Duda por haver salvo a vida dele.

Harry, Hermione e Rony saem em busca das já introduzidas *Horcruxes*, mas as buscas do trio são pouco proveitosas e as desavenças entre eles vão se multiplicando. Duas *Horcruxes* são encontradas, mas eles não sabem como destruí-las, e Harry descobre que ele mesmo é uma das *Horcruxes*, que quando Voldemort tentou matá-lo, ainda criança, transferiu para ele um pouco de seu poder, de sua vida.

Dumbledore, agora como uma espécie de fantasma, é ainda quem oferece muitas respostas, ou que conduz até elas. Outras aparecem ainda na *penseira*, como as memórias cedidas por Snape no final de sua vida, o professor de quem Harry sempre desconfiava e que sempre deixou o leitor na dúvida sobre o seu posicionamento. Ele havia sido apaixonado por Lílian, a mãe do jovem bruxo, desde que os dois eram crianças e vizinhos. Quando Lílian morreu Snape abandonou os comensais da morte e jurou fidelidade ao diretor de *Hogwarts* para que pudessem, juntos, proteger e defender o filho de Lílian, sua grande paixão. Até mesmo a morte de Dumbledore havia sido combinada entre os dois professores. O diretor da escola, ao tentar destruir o anel/*horcrux* de Voldemort foi contaminado por magia das trevas e estava condenado à morte, e pediu, assim, para que o professor Snape, no momento adequado, lhe desse uma morte digna.

No confronto final entre Harry e Voldemort o herói, crente e ciente de sua vitória, revela a arma que ele possuía e o vilão não (como havia sido profetizado): o amor.

Os pais de Harry deram a vida por ele, seus amigos o seguiam por amor, até mesmo Snape, a quem todos julgavam como sendo um comensal da morte, era fiel a Harry por amor à memória da mãe do menino. Voldemort, por sua vez, foi concebido sem amor, abandonado pelo pai que nem chegou a querer conhecê-lo, sua mãe morreu antes de poder amá-lo, seus servos o seguiam por medo e ambição, ou seja, Voldemort nunca conheceu o amor, a verdadeira arma de Harry, que termina a saga tendo uma vida normal com esposa e filhos, ou seja, a família que ele sempre quis.

As esferas de ação

As esferas de ação no último livro são mais completas e claras. Harry, depois de sofrer tantos danos causados por Voldemort – destruição de sua família, morte de seus amigos – assume-se como herói e decide deixar a escola, que havia sido seu único lar desde a morte de seus pais, e parte com o intuito de encontrar e destruir os objetos que guardavam partes da alma de seu inimigo, as horcruxes. No último episódio, não há necessidade de mandante que envie o herói, ele já reconheceu seu papel e assumiu sua responsabilidade como herói. Ron e Hermione, os auxiliares em todas as outras etapas, também o são nessa. Partem junto a Harry em sua busca. Sofrem com ele, ajudam-no a solucionar tarefas difíceis, enfrentam inimigos com ele e por ele. Mas não são os únicos nessa esfera de ação, visto que Neville, Luna e os outros membros da *Armada de Dumbledore* organizam uma resistência em Hogwarts, e ao final da narrativa esses juntamente com alguns membros da *Ordem da Fênix* e muitos outros personagens que tiveram passagem ao longo de todo o arco da história retomam no momento da batalha final para lutarem ao lado de Harry Potter.

Na esfera de ação do doador estão Alberfort, o irmão de Dumbledore, que oferece a Harry e seus auxiliares uma forma de voltar a Hogwarts, uma passagem secreta até a escola que é palco da batalha final; Hermione, que cede sua varinha mágica ao herói quando a dele é destruída; Dumbledore, que deixa como herança a Harry uma das relíquias da morte; e o mais surpreendente: Severo Snape, que cede a Harry parte de suas esclarecedoras lembranças, além de ter feito com que a espada de Griffindor chegasse mais uma vez às mãos do herói em um momento decisivo.

Voldemort, o grande antagonista, depois de causar tantos danos, é vencido pelo herói na batalha final; seus seguidores, os *comensais da morte*, também são vencidos. O vilão, cuja busca sempre havia sido subjugar os não-bruxos e exterminar os bruxos de sangue ruim, desempenha também a função de falso herói ao tentar enganar os outros bruxos quanto às suas falsas pretensões de melhorar o mundo deles.

Ao aparecer no último capítulo casada com Harry Potter, e mãe de seus filhos, Gina Weasley preenche a categoria de princesa, uma vez que a última função de Propp, *o casamento* supõe que as últimas ações do herói sejam casar-se e subir ao trono. Gina não é uma princesa, mas para um herói como Potter, cujo maior desejo e busca sempre foi ter uma família, ser casado com alguém de uma família enorme e ter três filhos com ela é um grande reinado. Os três filhos do casal têm os nomes de algumas figuras importantes que o herói perdeu em seu percurso de luta contra Voldemort: Lílian, Tiago e Alvo Severo.

Quadro 7

Esfera de ação	Herói	Auxiliar		Doador			
Personagem	Harry Potter	Hermione e Rony	Outros aliados	Alberfort	Hermione	Dumbledore	Snape
Ação	Parte em busca de encontrar e destruir seu antagonista e ao final casa-se com Gina	Partem junto ao herói	Lutam no embate final contra o antagonista e seus aliados	Oferece ao herói e a seus aliados uma passagem secreta para Hogwarts	Cede sua própria varinha ao herói quando este fica sem a sua	Deixa herança em forma de pistas ao herói	Cede suas lembranças e uma espada a Harry
Função	-Partida para realizar a procura -O casamento	- O deslocamento do herói no espaço - Salvamento durante perseguição		-Fornecimento de objeto mágico			

Esfera de ação	Princesa	Falso Herói	Antagonista
Personagem	Gina Weasley	Voldemort	Voldemort
Ação	Casa-se com o herói	Tenta enganar a comunidade mágica	Persegue e tenta matar o herói, mas é vencido por ele
Função	-O casamento	-Pretensões enganosas	-A perseguição -O combate

2.2. O todo dos livros

A série Harry Potter utiliza-se de diversos suportes, fato merece ser sempre lembrado. O mais importante, porém, é não se esquecer que ela surgiu em um formato já possível de ser considerado obsoleto: o livro. O sucesso e o seu alcance de público também foram conquistados primeiramente nesse formato. Somente depois de já ser sucesso entre os leitores “clássicos” é que o personagem conheceu os espectadores e os outros tipos de leitores. No Brasil, porém, a chegada do primeiro filme e a dos três primeiros livros se deu quase que concomitantemente, separadas por apenas poucos meses.

A autora, Joanne K. Rowling, utilizou-se de sete livros, com um total de aproximadamente, três mil páginas, para narrar, grosso modo, sete anos de vida de um garoto bruxo. Seu conto maravilhoso inicia-se no primeiro ano de vida do garoto, mas, logo após o primeiro capítulo, já se dá um salto de dez anos e o leitor é levado ao 11º aniversário do jovem Harry Potter, a exata idade em que os bruxos ingressam em suas escolas. Do segundo capítulo em diante, acompanha-se o primeiro ano escolar do herói e, ao final daquele, quando as aulas se encerram e o herói retorna à casa dos tios, o primeiro livro chega ao fim.

A contribuição de Propp para o estudo dos contos de magia não se deve exclusivamente às ferramentas de análise de sua morfologia. Em um outro estudo, *As Raízes dos Contos de Magia*, ele expõe sua convicção de que a origem de tais contos provém dos rituais de iniciação das comunidades primitivas. Já na *Morfologia do Conto Maravilhoso*, a primeira função sugerida pelo autor seria a do *afastamento* ou, de forma mais estendida, *Um dos membros da família sai de casa* (PROPP 2006, p. 27), e essa função estaria presente em todas as narrativas e seria a desencadeadora de todo o enredo. Após sofrer *danos e perseguições* (outras funções proppianas) o herói retornava à sua casa adulto e preparado para receber o trono e se casar.

Ao analisar tal ideia de Propp, Lopes (1997) avalia:

A ideia de Propp é, como se vê, extremamente sedutora. Segundo ele, a estrutura do conto de magia repete a estrutura de um ritual de iniciação antigo. Na origem, o conto desse tipo não teria sido mais do que o relato desse rito, feito, talvez, a crianças que ainda teriam de passar por ele, ou, o que é mais provável, recapitulado *post facto* na conversação dos adultos que já tinham passado por ele. (LOPES1997, p. 224)

A passagem da infância à adolescência, a perda dos pais, o início de uma nova jornada, todos esses elementos já estão presentes no primeiro livro da série de Rowling, o ritual de passagem do herói *Harry Potter* já está demarcado e vai se desenvolver até o final da série.

No segundo livro, Harry Potter faz 12 anos e cursa seu segundo ano na escola de magia. A narrativa inicia-se no mundo dos trouxas e desenvolve-se quase que completamente na escola de Hogwarts. Ao final, quando o herói volta para casa, a história se encerra. A sequência é simples e assim segue até o último (sétimo) livro, quando Harry, aos 17 anos, resolve não cursar seu último ano, abandona a escola e parte na tentativa de derrotar seu oponente.

Ao final, missão cumprida, o último capítulo dá um salto ainda maior do que fizera o primeiro: 19 anos, para mostrar o herói tendo uma vida comum, da forma como ele sonhara, em família, casado e com três filhos. O final ideal para um herói órfão, mas não apropriado para um menino de 17 anos, o que justifica o motivo para o salto.

O leitor passa pelo mesmo ritual junto ao herói, posto que os acontecimentos da vida de *Harry Potter* somente são expostos aos seus olhos, ao seu conhecimento, na medida que o protagonista também os descobre ou vivencia, o que faz com que o leitor possa se sentir igualmente realizando o rito de passagem indicado por Propp :

O conto, em si, teria passado a existir independentemente da prática que descrevia, a existir como um relato autônomo, pois, quando o antigo rito iniciático deixara de ser praticado, de modo a ir caindo, aos poucos, no esquecimento, enquanto prática pragmática, sua macroestrutura funcional fora refugiar-se, para sobreviver na memória coletiva como uma prática cognitiva – como uma modalidade de narrativa que era a expressão simbólica de um rito prático mítico esquecido. (LOPES 1997, p. 224)

Dos sete livros da série, em seis a narrativa acontece quase que totalmente na escola, e o grande desfecho da história, o confronto final entre o “bem” e o “mal”, ou seja, entre Harry e seus aliados e Voldemort e os outros bruxos das trevas, também acontece dentro dos muros de *Hogwarts*.

A escola adquire notável importância nas vidas tanto de Harry quanto na de seu arqui-inimigo. Harry, órfão desde seu primeiro ano de vida, fora criado na casa de seus tios trouxas (não bruxos), Petúnia (irmã de sua mãe) e Válder Dursley, que tinham um filho da mesma idade de Harry. Apesar de familiar, o ambiente em que fora criado sempre havia sido extremamente hostil ao menino bruxo, que nunca pode considerar aquilo como sendo um lar, título que só conheceu ao ingressar em *Hogwarts*.

Hogwarts é dividida em quatro casas e Harry sabia que tinha características para estar em duas delas, Grifinória e Sonserina, esta última conhecida por abrigar todos os bruxos das trevas. No momento de ser selecionado o menino repetia “Sonserina, não, Sonserina, não” (Rowling 2000, p. 107) e acabou sendo enviado à Grifinória. A escola, apesar de ser dentro do enredo considerada um lar para o herói, é de onde, na maioria das vezes, saem os problemas de *Harry Potter*; ela, nesse contexto, seria o equivalente ao bosque ou à floresta das análises proppianas, ou seja, são os lugares desconhecidos para onde o herói era levado no princípio de seu ritual de iniciação.

Por ser conhecido no mundo dos bruxos, Harry era companhia disputada e ao ser advertido por Draco Malfoy, um jovem bruxo de família rica de “sangue puro”, de que havia bruxos melhores que outros, disse que sabia fazer suas próprias escolhas. Escolheu ficar com Rony, um bruxo pobre, e Hermione, vinda de família de trouxas, uma sangue ruim.

No último livro da série, Harry está incumbido por Dumbledore de encontrar as *horcruxes*, mas acaba descobrindo sobre as igualmente importantes "Relíquias da Morte" e precisa escolher sobre qual das duas coisas deve continuar a pesquisar. O garoto que sempre quebrou as regras decidiu, surpreendentemente, ser fiel ao pedido feito pelo diretor da escola, escolheu buscar e destruir as *horcruxes*. Ao final, deste livro e da série, entre a vida e a morte, já tendo perdido muitos de seus trunfos em relação a Voldemort, escolhe voltar a vida para enfrentá-lo novamente e evitar que seus amigos sofram ainda mais.

O personagem Dumbledore que, apesar de auxiliar o herói tantas vezes e de em outras tantas lhe doar objetos mágicos, aparecendo, assim, diversas vezes classificado como *auxiliar* ou *doador*, na teoria proposta por Propp por suas ações estarem inseridas, em momentos isolados e parcialmente misteriosos, dentro daquelas *esferas*, ao final é possível perceber que a ele cabe uma outra função no quadro geral, que seria a do *mandante*. Propp (2006) deixa claro que um personagem pode ocupar mais de uma esfera de ação.

A valorização da vida, da amizade como forma de amor, da família, da fidelidade e o desapego ao dinheiro são algumas das afinidades entre Harry Potter e seus aliados, estão entre os elementos pelos quais se dá a entrada e a saída das pessoas em seu círculo de amizades. Mas o ponto fundamental, que é complementar a esses outros mencionados, é a importância que se dá a ser puro ou mestiço: Harry, como Voldemort, é mestiço, e ambos tinham ascendência de famílias fundadoras do mundo bruxo.

Voldemort, filho de uma bruxa "puro sangue" com um trouxa que só se uniu a ela por estar enfeitiçado, também era órfão. Sua mãe morreu de tristeza por ter sido

abandonada pelo marido que, mais tarde, seria assassinado pelo próprio filho, Thomas Marvolo Riddle (o verdadeiro nome do vilão), menos por ter abandonado sua mãe e mais por ser vergonhosamente trouxa. A fixação por uma pureza da raça bruxa é o que faz de Voldemort o grande assassino. Seu ideal é o de um mundo dominado pelos bruxos “puro sangue” e livre dos trouxas e dos bruxos “sangue ruim”, ou seja, aqueles nascidos trouxas, ou os mestiços. Ele é, do início ao fim, indubitavelmente, o personagem que ocupa a principal posição na esfera de ação do *antagonista*, o causador direto ou indireto de todos os *danos*, das *perseguições*, dos *ardis* e das *formas de luta contra o herói*, que são todas ações previstas para a esfera do antagonista.

A vida em *Hogwarts* e o amor pela escola torna-se, um dos principais elos entre Harry Potter e Voldemort, que ainda têm em comum serem ofidioglotas (falam língua de cobra), terem a pena da mesma fênix em suas varinhas mágicas, serem órfãos e descendentes dos três irmãos que possuíam as *Relíquias da Morte*, os mais poderosos artefatos bruxos que dão tome a última narrativa. O que teria feito o destino dos dois se encontrar seria uma profecia proferida pela pouco respeitada professora de adivinhação Sibila Trelawney e revelada no quinto livro, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*:

Aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas se aproxima...nascido dos que o desafiarem três vezes, nascido ao terminar o sétimo mês...e o Lorde das Trevas o marcará como seu igual, mas ele terá um poder que o Lorde das Trevas desconhece...e um dos dois deverá morrer na mão do outro pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver... aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas nascerá quando o sétimo mês terminar. (ROWLING 2003, p. 679)

Voldemort, por outro lado, também fez as suas escolhas. Escolheu matar a sua família trouxa em vez de tentar encontrar um lar nela, escolheu odiar e perseguir os trouxas e os bruxos que não eram “sangue puro” em vez de se aceitar como um deles, e,

ao saber da profecia sobre ele e aquele que poderia destruí-lo, tinha pelo menos duas opções possíveis: o filho do casal “sangue puro” Longboton, Neville, ou o dos Potter, Harry, o mestiço. Em sua loucura racial, acabou por escolher o que tinha, como ele, sangue bruxo e trouxa ao mesmo tempo. A não aceitação da miscigenação e a rejeição das diferenças, ou seja, o critério racial é o que é usado para o círculo de poder de Voldemort.

O mundo encontrado por Harry Potter, a partir de *Hogwarts*, não é formado simplesmente por bruxos (que são seres humanos dotados de poderes mágicos), mas dele também fazem parte algumas outras espécies: os elfos, por exemplo, que são criaturas mágicas que não usam varinhas, que são escravizadas pelos bruxos e desempenham as funções domésticas para as famílias mais abastadas; os lobisomens, homens que se tornam lobos em uma determinada época do mês; e os gigantes, homens muito grandes, fortes e dotados de pouca inteligência e nenhuma mágica. Essas criaturas são quase sempre marginalizadas por quase toda a comunidade bruxa e, quando eclode a guerra iniciada por Voldemort, elas são procuradas e disputadas pelos dois grupos.

Harry Potter e seus amigos recebem ajuda de Dobby, um elfo doméstico, desde o segundo livro da série, em que o elfo também é liberto de sua condição de escravo, até o desfecho da história, quando Dobby morre ao ajudar os amigos bruxos. Hermione é, ao longo de toda saga, uma feroz defensora da liberdade dos elfos. Lupin, o amigo do pai de Harry e seu importante defensor, que também perde a vida ao ajudar o jovem bruxo, era lobisOMEM e sofrera discriminação por toda vida por esse fato; assim como Hagrid, um mestiço diferente, filho de uma gigante com um bruxo, foi fiel colaborador de Harry Potter e Dumbledore durante toda a narrativa.

O eixo de toda a intriga dessa ficção seriada, o grande conflito entre os puros e os impuros, é focado nos bruxos e sua origem, mas o problema se expande para todo o mundo mágico. Voldemort e seus aliados tentam trazer para si não somente os bruxos, mas também outros seres mágicos com a mesma ambição.

A trajetória de Harry Potter é a própria prova de sua crença. Sua força não se manifesta em robustez física. O que se destaca em sua descrição não é sua beleza, mas sua miopia. O herói também não se destaca por ser o mais forte ou o mais inteligente, sua força está na integridade de seus sentimentos e de seu caráter. Sua grande arma, o *objeto mágico* que lhe confere maior força é o amor deixado por sua mãe (Lílian Potter, que só aparece na narrativa por intermédio da lembrança dos personagens ali presentes) no momento de sua morte, em forma de um encantamento que o protegeria por toda a vida. A mãe que dá a vida pelo filho e que pouco aparece no decorrer da narrativa, é, ao final dela, apresentada como personagem central da esfera do *doador*, pois realiza o fornecimento do objeto mágico responsável pela manutenção da vida do herói ao longo de toda sua jornada.

A narrativa polariza valores de bons e maus, mas também sugere que o bem e o mal estão em todos os meios, em todas as espécies, e que a questão racial que atravessa toda a trama é ali colocada como sendo a raiz de todo mal. Ser racista, segundo as histórias de Rowling, é uma questão de escolha, e tais escolhas estariam baseadas em dois princípios: o livre arbítrio e o individualismo. O grande valor individual e humano de Harry Potter, sua grande virtude reside em sua capacidade de perdoar: perdoar traições, omissões. Ele chega, inclusive a compadecer-se de seu arqui-inimigo, por ele não ter recebido o mesmo amor que o herói, em uma grande demonstração de perdão e de amor ao seu próximo.

Duas instituições são extremamente valorizadas na série: a escola, ambiente cercado de regras, e a família, ambiente cuja grande força é a tradição. Hogwarts, a escola que é o grande palco da história, possui várias regras: os alunos não devem visitar a floresta, que por isso mesmo se chama “proibida”. O acesso a alguns compartimentos da escola, assim como alguns livros de sua biblioteca, são também proibidos aos seus alunos. O herói e seus auxiliares, ao longo da história, desacatam todas estas regras não (apenas) por rebeldia juvenil, mas como alternativa hábil para desvendar mistérios ou para realizar algum salvamento. Escolhe-se, individualmente, quebrar algumas regras sociais em nome de um “bem maior”, ainda que isso possa causar uma expulsão: ameaça sempre presente, mas nunca efetivamente realizada no círculo de amigos do herói. Seus amigos *Rony* e *Hermione* são colocados na esfera do *auxiliar*, por não haver uma conquista do herói sem que um deles ou dos dois tenham colaborado de maneira decisiva. Outros muitos personagens que auxiliam o herói aparecem, mas o casal tem presença constante no todo da narrativa, e realizam todas as funções escaladas por Propp para essa esfera: *reparação do dano ou carência, salvamento durante perseguição, resolução de tarefas difíceis e transfiguração do herói* (2004, p.77).

Há muitos modelos de famílias apresentados na série, todos ligeiramente diferentes entre si: há os totalmente trouxas, *Dursley*, que são gordos, fofoqueiros, não solidários, brutos e arrogantes, mas de onde, ao final, surge uma esperança, Duda demonstra algum arrependimento e preocupação em relação ao destino de seu primo Harry Potter; existe também os Malfoy, de origem pura, ricos, arrogantes e sempre ligados a Voldemort. Os igualmente puros Black, também quase todos ricos e arrogantes, mas de onde saem Régulo, que foi comensal da morte mas acabou por

abandonar o lado negro da magia e morreu tentando livrar o mundo de Voldemort, além de seu irmão Sirius, padrinho do herói que nunca se deixou levar para o lado negro da magia. Os Weasley, também puros mas pobres, divertidos e solidários, de cujo meio sai Percy, um jovem ganancioso que cai nas garras do lado do mal em consequência disso. Já os Potter, família que uniu Tiago de origem puramente bruxa e Lilian, que nasceu em uma família trouxa e só depois, como Hermione Granger, recebeu um convite para ingressar na escola de magia e tornar-se bruxa. É desta união miscigenada que sai Harry Potter, o escolhido para livrar o mundo bruxo do domínio do mal.

A série aponta para o fato de que não é nem a origem, nem o convívio familiar ou escolar os meios que imprimem nos indivíduos os princípios definidores do caráter, que seria, segundo essa série, formado individualmente e a partir das pequenas e grandes escolhas tomadas por cada um, ou seja, os indivíduos optam pelo rumo de suas vidas a partir das escolhas que fazem.

O arco geral da história, ou seja, a totalidade das narrativas formando um único e grande conto, aponta para dois personagens que partem em busca de algo depois de danos impetrados que são ao mesmo tempo carências: a família. Tanto Harry quanto Voldemort buscam aliados e apoiadores em função de não terem aqueles que são, muitas vezes, os auxiliares clássicos de qualquer ser real ou ficcional, os familiares.

Portanto, uma distribuição dos personagens em suas funções no todo da narrativa pode ser dada da seguinte forma:

Quadro 8

Esfera de ação	Herói	Mandante	Auxiliar
Personagem	Harry Potter	Dumbledore	Rony e Hermione
Ação	Salva o mundo bruxo do domínio da magia das trevas.	Envia o herói para a escola e posteriormente para seu destino de enfrentar o antagonista.	Auxiliam e dão suporte a todas as ações realizadas pelo herói.
Função	A partida para realizar procura; A reação perante as exigências do doador; e O casamento.	O envio do herói	O deslocamento do herói no espaço; Salvamento durante perseguição; A resolução de tarefas difíceis; e A transfiguração do herói.

Esfera de ação	Doador	Princesa	Antagonista
Personagem	Lílian Potter	Gina	Voldemort
Ação	Dar um encantamento protetor ao herói	Casa-se com o herói	Mata os pais do herói e o persegue
Função	O fornecimento do objeto mágico ao herói.	O casamento	O dano; O combate e as outras lutas contra o herói; A perseguição.

CAPÍTULO III

A LEITURA LOCAL DE HARRY POTTER: ESPECIFICIDADES DA RECEPÇÃO

As diferenças de costumes e línguas não significam nada se os nossos objetivos forem os mesmos e os nossos corações forem receptivos. (ROWLING 2001, p. 575)

Suzan Boyle é uma senhora de cinquenta e poucos anos, solteira, desprovida dos atributos de beleza valorizados pelos padrões atuais. Diz nunca ter sido beijada e é dotada de uma voz que a tornou, pelo menos por alguns dias, uma das mulheres mais comentadas do mundo. A cena de sua apresentação em um programa tipo “caça-talentos” britânico foi vista milhares de vezes em um *site* de vídeos e deixou de ser sucesso apenas no Reino Unido. No Brasil, não apenas os *sites* falavam de Suzan Boyle, mas o rádio, as revistas e até mesmo o jornalismo das grandes emissoras de televisão aberta exibiram a cena da simples senhora escocesa cantando *I dreamed a dream*. Um programa de humor da rede Globo realizou um episódio inteiro em alusão ao caso: nele, uma empregada doméstica era descoberta como grande talento musical depois de o filho dos patrões ter assistido ao vídeo de Suzan Boyle pela internet.

O caso dessa britânica que, apesar de tanto sucesso, não venceu a competição que disputava, ilustra a forma como as mídias, nas suas mais variadas formas, estão presentes na vida das pessoas. Indivíduos de todas as idades, sexo, região e classe social estão expostos a elas; mais ainda, fazem uso delas.

Como Suzan Boyle, os livros da série *Harry Potter* são produtos britânicos, são produções **locais** que, através dos meios de comunicação mais variados, chegam a muitos lugares do mundo, tornando-se, assim, de consumo **global** (WARNIER 2003)

Os meios de comunicação pelos quais trafegam esses produtos podem atingir um número ilimitado de pessoas, a massa. Por **massa** normalmente se compreende algo “essencialmente passivo e facilmente manipulável” (ANG 1990). Nessa acepção, se todos estão sempre em contato com as mídias (rádio, televisão, revistas, jornais, internet...), se todos ouvirem falar em Suzan Boyle, e concordaram ou discordaram de seu segundo lugar no concurso em que disputava, se todas as pessoas, de alguma forma, já ouvirem falar em Harry Potter, todos poderiam ser definidos como passivos e manipuláveis, simplesmente pelo fato de estarem expostos às mídias?

Baseando-se na ideia de que não existe uma massa, e sim formas de se ver as massas, e que essas formas seriam, na maioria das vezes, “elitistas e manipuladoras”, Ang(1990) apresenta algumas diferentes perspectivas de se estudar a audiência dos meios de comunicação de massa, baseadas na perspectiva dos Usos e gratificações, na Análise da Recepção e nos da mídia na vida diária.

Como o próprio nome sugere, os estudos dos Usos e Gratificações baseiam-se na ideia de que o usuário das mídias, aqui chamados de consumidores, esperam fazer uso delas como forma de trazer para si alguma forma de gratificação, como a diversão, confirmação de seus próprios conceitos, o fornecimento de conteúdos para conversas, satisfação de curiosidade, entre outros. Um ponto negativo dessa abordagem seria tomar o consumidor como um indivíduo isolado, e o uso das mídias como sendo algo solitário. Outro seria o fato de se estudar apenas **o porquê** de se ver/ouvir/ler algo, somente as motivações de se fazer algo, deixando de lado **o que** se faz e **como** isso é feito.

Há também a linha que estuda a presença da mídia no cotidiano das pessoas, a forma **como** ela se integra à vida dos indivíduos que busca conhecer o lugar da mídia na vida de seus usuários. Para enfocar essa corrente de estudos, ainda segundo Ang, é preciso ter em mente alguns pontos como: 1-) Considerar todos os tipos de mídia com as quais as pessoas tem contato; 2-) Compreender que as mídias não são usadas completamente nem com total concentração; 3-) Considerar que as mídias fazem parte da rotina e do ritual da vida cotidiana; e 4-) Conhecer o fato de que as mídias não são processos isolados ou individuais, mas sim um processo coletivo.

E há a linha de pesquisa que realiza a análise da recepção, na qual, segundo Ang:

O ponto de partida aqui é a hipótese de que o significado dos textos da mídia não é algo fixado, ou inerente, dentro do texto. Antes, os textos da mídia adquirem significado somente no momento da recepção, isto é, quando eles são lidos, vistos, ouvidos ou o que quer que seja. Em outras palavras, as audiências são vistas como produtoras de significado, não apenas consumidoras de conteúdos midiáticos: elas decodificam e interpretam os textos da mídia nas formas como eles são relacionados às suas circunstâncias sociais e culturais e pela forma na qual eles subjetivamente experimentam aquelas circunstância. (ANG 1990, p 160)¹

O que as pessoas veem na mídia é um aspecto central nessa forma de estudo, e é também aqui que surgem termos como significado social e as comunidades interpretativas, baseados na ideia de grupos que chegam a uma mesma interpretação do que viram/leram/assistiram, etc. As pesquisas nessa linha buscam descobrir as diversas formas como diferentes grupos de audiência interpretam o mesmo texto. É dentro dessa perspectiva que o presente trabalho se propõe a analisar a leitura de Harry Potter realizada por leitores sul-mato-grossenses. Foram realizadas entrevistas em

¹ Texto original: “The starting point here is the assumption that the meaning of media texts is not something fixed, or inherent, within the text. Rather, media texts acquire meaning only in the moment of reception, that is, when they are read, viewed, listened to, or, whatever. In other words, audience are seen as producers of meaning, not just consumers of media content: They decode or interpret media text in ways that are related to their social and cultural circumstances and to the way in which they subjectively experienced those circumstances.

profundidade com dez leitores com idades entre 16 e 22 anos, desde estudantes de ensino médio até graduados, que tem em comum já terem lido os sete livros da série e terem feito isso enquanto moravam em Mato Grosso do Sul.

Realizar tal pesquisa tendo como suporte os estudos de recepção justifica-se a partir da ideia de Hall de que a recepção não é aberta ou transparente, de que toda mensagem está sujeita a inúmeras leituras possíveis, e que, portanto, não existe um significado fixo, único e definitivo. A série *Harry Potter* foi pensada a partir de um lugar longínquo e culturalmente muito diferente de onde está sendo lido: entender como uma abordagem europeia é aproveitada pelo leitor do interior do Brasil torna-se útil, no sentido de entender o significado que aquelas tematizações encontram aqui, o que este leitor nessa narrativa encontra que o faz encantar-se por algo que não foi pensado para ele, para o qual ele não era o que Eco (2004) chama de leitor modelo.

Nas entrevistas, buscou-se também verificar se o consumo de Harry Potter se deu exclusivamente através dos livros, ou se o acesso à série foi feito a partir de outros suportes, uma vez que a série Harry Potter, embora seja composta de livros, também foi proposta a partir de filmes, *games*, revistas, bonecos, figurinhas, etc.

Com as entrevistas, buscou-se, fundamentalmente, a compreensão da experiência local desse produto global: como os jovens leitores de Campo Grande e Deodápolis (MS) interagiram e aproveitaram os acontecimentos descritos nessa história narrada desde outros cenários referenciais sociais e culturais.

Para tanto, também se buscou entender o **como** a mídia está integrada à vida destes leitores, assim como o **porquê** de fazerem tal leitura, as motivações para se ler e reler sete livros com uma média de 400 páginas cada um numa era onde tudo é feito de forma rápida e fragmentada. Finalmente averiguou-se sobre o **que** o leitor lê em Harry

Potter, qual é a compreensão desse grupo acerca da trama proposta por Rowling, assim como o seu aproveitamento para a vida dos leitores.

3.1. O porquê do consumo

Entre as gratificações encontradas para se usar as mídias, as mais corriqueiras são a informação, a identificação pessoal, a integração e interação social e o entretenimento.

Embora no discurso dos entrevistados sobre o contato com a série todas essas motivações apareçam, nesse caso sobressai-se a busca por entretenimento. Como Harry Potter não é de leitura obrigatória, ou seja, aquela da lista do vestibular ou da prova de literatura, a ação de ler esta série comumente está ligada ao prazer, à livre escolha, ao deleite próprio. “Num momento de lazer é bom ter uma leitura aprazível” (Roustan, 20 anos), diz um dos leitores entrevistados, quando questionado sobre os motivos para se escolher ler ou reler uma narrativa da série Harry Potter.

O problema de simplificar a leitura ligada ao entretenimento, é o mesmo apontado por Gomes (2005), ao tratar das telenovelas:

A classificação das telenovelas como ‘programação de entretenimento’ é ainda mais problemática, ou pouco adequada, quando no entretenimento se vê somente o lado fugaz, inseqüente e superficial do prazer, da evasão e da diversão. Dar prioridade somente aos aspectos efêmeros e fugazes restringe a dimensão social e a complexidade do que é e de como é vivido lazer e o tempo considerado ‘livre’ nas sociedades contemporâneas. (GOMES 2005, p. 150)

Nenhum dos entrevistados afirmou ter lido Harry Potter por algum tipo de imposição ou obrigação, é por lazer que os leitores se entregam ao consumo da série.

Para analisar essa escolha, é interessante levantar duas questões: os motivos pelos quais os leitores entraram na série e os que os fizeram nela permanecer.

A entrada na série se dá principalmente por dois motivos: sugestão de amigos, para aqueles que já se diziam ávidos leitores desde tenra idade, e terem visto o filme, para os que ainda eram leitores pouco ou nada experientes, como apontam as seguintes declarações:

A Alexia e a Thainara sempre me falavam [sobre os livros da série Harry Potter], as duas, que tinham lido alguns. Elas comentavam muito, e eu também acabei gostando. E daí a professora me indicou ele. (Thaís, 16 anos)

Eu morava num condomínio e eu tinha uma turma e assim, poucos da turma liam, mas eu tinha um amigo e ele tinha trazido um livro do Harry Potter de Portugal. Foi no ano 2000, acho que ainda não tinha o livro no Brasil. Ele me fez a maior propaganda do livro e daí eu comecei a ler. (Isis, 22 anos)

Uma amiga minha levou o DVD e nós assistimos o filme na escola. No final do filme ela falou que já existiam uns três livros sobre Harry Potter, eu fiquei doido de vontade ler, até que consegui. (Marlom, 21 anos)

Porque logo que eu mudei, eu fui para Dourados assistir o filme, que por acaso era Harry Potter, o primeiro, e depois que eu assisti o filme que eu saí, eu ficava ouvindo falar “ah, é o filme mais esperado do ano”, mas eu perguntava “por que o mais esperado do ano, né?” daí falavam, porque é um livro, uma saga, até aquela época tinha dois livros só, aí eu comecei a me interessar, fiquei sabendo de um tal do livro, eu nunca tinha lido nada. (Danilo, 20)

A gratificação encontrada nessas falas não é simplesmente a do prazer, do entretenimento, mas há em todas elas um desejo de pertencer a um grupo, tão comum na adolescência, de saber o que tal grupo faz e tentar imitá-lo para poder ingressar nele.

É possível encontrar com certa facilidade a presença e a influência de outros suportes para iniciar a leitura de Harry Potter: filmes e propagandas foram muito citados, porém, também se faz importante recordar a extensão da série: sete livros. Atravessar essa leitura não seria uma tarefa muito fácil, especialmente para

aqueles que estavam se aventurando pela primeira vez na experiência da leitura, haveria outras motivações para se manter fiel à série?

Neste ponto o papel das variadas mídias nas quais Harry Potter transita parece ser bem menos importante que os meandros utilizados por Rowling para tecer sua narrativa. O suspense, os mistérios revelados a cada episódio, a aventura, o adiamento da solução dos problemas, normalmente são os motivos citados para se manter na leitura dos livros:

Eu achei uma boa sacada aquela de voltar no tempo, avançar na história conhecendo o passado dos personagens, como o Dumbledore, que a gente só conhece a história toda depois que ele morre. Também aquela coisa de ter sempre um segredo, algo misterioso a ser revelado sobre alguma coisa, ou alguma pessoa, isso me prendia muito. Eu queria muito saber se o Snape era bom ou ruim, isso me balançou até o finalzinho. (Isis, 22)

No livro você começa e aí tem um personagem que é ruim. Mas chega no final e você vai ver que ele não é ruim. Mas ele não é ruim e ponto, tem toda uma explicação igual a história do Snape. É muito linda! Que ele era apaixonado pela... É muito linda assim! (Raphaella, 18)

O ponto forte [do quarto livro] foi... O reaparecimento do Voldemort. Foi... não tem como negar, o torneio não foi o ponto forte, foi o ressurgimento do Voldemort. E aquele momento que o Harry passou isso pro Dumbledore, e o Dumbledore passar pra todos... Esse... Esse foi o ponto forte, entendeu? Ele tá vivo, ele continua vivo, então não morreu. (Matheus, 18)

As características da narrativa de Rowling vão se tornando conhecidas pelos leitores, eles se tornam, assim “especialistas” em sua forma de narrar. Esse conhecimento, além de segurança, traz também desejo de manter-se em contato com a série, pois já se sabe o que se vai encontrar nela. Sabe-se, também, o que é exatamente que se está buscando: a surpresa, o adiamento, o suspense, os segredos e suas revelações, e a certeza de encontrar essas características nos próximos episódios.

O leitor de *Harry Potter*, apesar de ser imersivo, ou seja, aquele que faz uma leitura silenciosa, sistemática, página a página, é também o leitor contemporâneo, o que lê de forma fragmentada da tela do computador, vê vídeos pela internet. Para ele a

detalhada forma de narrar de Rowling, bem como a emoção encontrada nas páginas de seus livros, são outros dos ingredientes que fermentaram essa paixão. Os livros são imagéticos a ponto criarem no pensamento do leitor uma cena de qualidade, segundo eles, superior àquela que eles dizem ver nas telas:

A forma como ela, a Rowling, descrevia o Dumbledore, os óculos em formato de meia-lua, a barba, o cabelo, a sabedoria...parecia que ele era real, eu conseguia ver ele na minha frente...Quando ele lutava, a leveza, a sensibilidade... Eu chegava a me arrepiar...eu fiquei esperando essa cena no filme, mas lá não foi a mesma coisa. (Roustan, 20)

Enquanto você lê, você sente que está naquele mundo e a história não é tão infantil. O filme é muito para criança, o filme é simplista, ele infantiliza. O dragão do filme é até patético. (Isis, 22)

Quando o Dumbledore morreu, ai, eu até chorei. Aquele velório, o caixão branco, todos os alunos reunidos...a tristeza do Harry, a despedida dele da escola, dos amigos. Eu chorei muito lendo aquilo. (Alexia, 16)

Além da presença de imagens marcantes, destacam-se, nessas falas, a identificação do leitor com os personagens, a ponto de sofrerem juntos, de chorar com a dor do outro. Segundo Silverstone (2002), “A experiência é uma questão tanto de identidade como de diferença. É tão única quanto compartilhada. É física e psicológica.” Além disso, o mesmo autor sugere que é preciso reconhecer as experiências, mesmo as midiáticas, como reais, pois é de tal reconhecimento que surge a identificação. O leitor adolescente de *Harry Potter* sabe, reconhece que está em contato com uma obra de ficção. Nenhum dos entrevistados afirmou crer na existência de bruxos, elfos, duendes, ou de um mundo paralelo ao “real” onde tais criaturas possam existir. Mas, ainda assim, aceitam algumas das situações ali expostas como “realidade” ou possível de ocorrer no dito mundo real e, portanto, sentem, se alegram, e até mesmo choram com elas.

3.2. Como se lê:

Ao questionar os leitores sobre a forma como eles primeiro tiveram contato com a série Harry Potter, é muito comum ouvir que primeiro se assistiu ao filme. O que aponta para o fato da multiplicidade de mídias que se aliam, nesse caso, para a fruição da obra. O conhecimento da mídia livro, muitas vezes, se dá em decorrência da mídia filme. O leitor de Harry Potter, é sempre importante frisar, é o leitor contemporâneo, acostumado e adaptado às novas ferramentas eletrônicas, e essas, segundo eles, foram de grande auxílio na formação do perfil de leitores em que eles vieram a se encaixar:

Internet, bastante. Acho que principalmente isso que eu tô vendo agora, e também tem muita TV, assim, TV por assinatura que eu vejo o dia inteiro quase, quando eu tenho tempo, acho que é só isso mesmo. Muito tempo é, no MSN e Orkut, e também vendo vídeos, qualquer coisa que seja do *you tube*, mais isso, vídeo, *msn* e *orkut*. (Danilo, 20)

O terceiro livro eu comprei, o quarto e o quinto acho que eu baixei da internet, daí já tinha disponível, eu não comprei, eu li no computador. Eu baixava, lia, trocava com meus amigos e tal. Porque era assim, num mês saía lá na Inglaterra, aí o pessoal fanático já lia e já traduzia para o português e jogava na internet. Então cada dia tinha um capítulo no site. Os próprios fãs faziam isso. (Isis, 22)

Demorou muito entre o sexto e o sétimo livro, daí quando ele saiu eu não lembrava mais o que era *horcruxes*, e eu não gosto de reler, então eu fui no *Google* e coloquei lá '*horcruxes*' e rapidinho saiu lá um monte de páginas sobre Harry Potter explicando o que era. (Larissa, 22)

Cada vez mais a mídia se mostra integrada à vida das pessoas, os jovens entrevistados dificilmente conseguiriam descrever suas atividades cotidianas sem citar a internet, o celular, os *pen drives*, *i-pods*; nesse contexto, a televisão, cinema e livro, os principais suportes em que a série Harry Potter se apresenta, seriam mídias já mais tradicionais, porém ainda usadas e apreciadas.

Saber navegar na internet, e mais que isso, ser íntimo dessa prática, não faz com que esses leitores deixem de ser contemplativos (SANTAELLA 2004). Ou seja, aqueles que têm, de fato, contato com os livros, usam seus dedos para os folhearem, fecham-se, isolam-se do mundo em seus quartos para imergirem em linhas e mais linhas de uma narrativa gravada em papel. O tempo gasto com os bate-papos e comunidades *on line* é dividido com o livro; baixar uma versão da internet e realizar a leitura na frente da tela do computador não faz com que essa leitura deixe de ser contemplativa. O *Google* pode evitar uma releitura, mas fornece dados para que uma nova leitura se realize. Em suma, todos os caminhos pelos quais passa esse texto levam a uma leitura contemplativa, colaboram com o contato íntimo entre o leitor e o texto.

Nesse ponto, é importante lembrar que os depoimentos supracitados corroboram os pontos levantados por Ang (1990) como sendo os principais a se ter em mente ao se estudar a presença da mídia no cotidiano das pessoas, a saber:

1-) Considerar todos os tipos de mídia com as quais as pessoas têm contato – Mesmo o leitor mais interiorano de *Harry Potter* tem acesso à internet, e fazem uso dessa ferramenta tanto para a leitura propriamente dita, como a usa para pesquisas a respeito de temas relacionados à série. Assiste ao filme em cinemas, ainda que na cidade onde mora não exista uma sala de reprodução de filmes. Compra os filmes em DVD. Compra revistas relacionadas à série. Assiste aos filmes quando eles chegam às telas da televisão.

2-) Compreender que as mídias não são usadas completamente nem com total concentração – Os ritos de consumo coexistem, ou seja, assistir ao filme não impede que se leia o livro, mas estimula essa prática. Assiste-se aos filmes várias vezes, nem

todas por completo; busca-se informações lidas e esquecidas em *sites* de busca, em vez de ler todo o livro anterior novamente.

3-) Considerar que as mídias fazem parte da rotina e do ritual da vida cotidiana – Todos os leitores entrevistados afirmaram ter um endereço eletrônico e acessá-lo com muita frequência, quando não diariamente; todos participavam de redes de relacionamento e de bate-papo *online*, todos afirmaram ter televisão em casa, muitos no próprio quarto. Baixar músicas, livros e filmes da internet apareceu como prática corriqueira na vida da maioria deles.

4-) Conhecer o fato de que as mídias não são processos isolados ou individuais, mas sim um processo coletivo – Todos os leitores entrevistados afirmaram comentar a leitura com algum grupo de amigos ou mesmo nos *sites* de relacionamento aos quais estavam ligados. Muitos chegaram a essa leitura através de sugestões de amigos, e levaram a leitura a outros da mesma forma.

Após chamá-lo de contemplativo por diversas vezes, torna-se, de certa forma, tentador posicionar o consumidor de Harry Potter dentro do perfil de leitor a que Santaella (2004) chamou de imersivo, tornando, assim, necessário que se retomem os três tipos de leitores que a semioticista outrora traçou: o **contemplativo/meditativo**, que seria aquele solitário, que realiza uma leitura silenciosa, de foro privado, “esse tipo de leitura nasce da relação íntima entre o leitor e o livro, leitura do manuseio, da intimidade, do retiro voluntário, num espaço retirado e privado” (SANTAELLA 2004. p. 23). Parece ser esse o tipo mais tradicional e convencional. O **movente/fragmentado**, o que busca adaptar-se a rapidez da vida moderna, o que lê as partes tentando entender o todo com o mínimo possível e no menor tempo, “É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes, leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas,

misturadas.” (pg 29). O leitor de *Harry Potter* tem seus momentos de movente quando, na ansiedade e pressa por iniciar uma nova leitura, busca no *Google*, informações das quais ele não se recorda, ou quando lê os chamados *spoilers* (trechos de livros ou filmes ainda não lançados) para iniciar ou completar determinada leitura. E, finalmente, o leitor **imersivo/virtual**, aquele cuja leitura é hipermidiática e, portanto, múltipla, plural:

A leitura orientada hipermidiaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para o outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapas cognitivos personalizados e intransferíveis. É, portanto, uma leitura topográfica que se torna literalmente escritura, pois na hipermídia, a leitura é tudo e a mensagem só vai se escrevendo na medida em que os nexos são acionados pelo leitor-produtor. (SANTAELLA 2004, p. 175)

Sob essa ótica, embora o leitor contemporâneo possa estar se encaminhando para o terceiro caso descrito por Santaella, a leitura de *Harry Potter* ainda não pode ser classificada como imersiva ou virtual, ela tem os traços dos do primeiro perfil: a leitura do livro é sempre um momento contemplativo, intimista. Muitos leitores afirmam ter um momento e um local específico para a realizarem. Porém, quando a tradução do livro demorava a chegar às mãos desse leitor, ele partia para o seu modo movente, fragmentado ao buscar as versões traduzidas na internet, ou os *spoilers*, as dicas em revistas, ou até mesmo nas conversas com amigos. Toda essa movimentação, porém, não faz dele um leitor que vá construindo sua leitura através de tais fragmentos, ele espera pelo livro para voltar a seu estado contemplativo.

3.3. O quê se lê na série *Harry Potter*

Esta foi uma questão central explorada nas entrevistas: o quê o leitor sul-mato-grossense lê em *Harry Potter*? O que esse conjunto de jovens encontrou nessa narrativa e que os levou a encantar-se por ela?

Como Propp ajudou a compreender e foi discorrido no segundo capítulo do presente trabalho, a série *Harry Potter* se trata de um conto maravilhoso, onde um sujeito, o herói, parte em uma jornada em busca de um objeto de valor. Durante a busca conta com objetos mágicos e ajudantes, passa por desafios e batalhas, até que, finalmente, recupera aquilo que havia perdido. *Harry Potter* perde a família, e é isso que busca durante toda sua saga, na qual também cultiva laços de forte amizade. O antagonista que se opõe a ele, mata seus pais e tenta mudar a ordem e a paz em seu mundo, também devido a uma busca, a um ideal: o ideal de um mundo puro, onde os bruxos seriam os dominadores absolutos.

A questão de pureza racial, na narrativa de Rowling representada principalmente nas diferenças entre os nascidos bruxos e os nascidos trouxas (mas também se estendendo à criaturas como elfos, duendes, centauros e gigantes) é o ponto de partida de todo o ódio e, por consequência, de toda a batalha travada entre o bem (os que defendem a miscigenação) e o mau (os que defendem a pureza). É a questão que atravessa toda a narrativa, é uma discussão presente do primeiro ao último livro da série e que conta inclusive com um título de livro, o sexto, *Harry Potter and the half blood prince*, cuja versão da edição brasileira, *Harry Potter e o enigma do príncipe*, perdeu todo o caráter de mistura, não contemplou a ideia, como fez, por exemplo, a edição portuguesa ao traduzir o título para *Harry Potter e o príncipe mestiço*. A não pureza de

sangue da versão original, traduzida para mestiçagem em Portugal, no Brasil cedeu espaço para o misterioso, o enigmático. Aqui a obra foi lida a partir do que o receptor considerava problemático para ele, como as questões ligadas a adolescência, os vínculos de amizade e, quando muito, as diferenças socioeconômicas também presentes na obra. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais apenas uma leitora, entre os dez entrevistados, tenha citado a questão da divisão entre sangue puros e impuros do texto como um dos pontos centrais da série:

Eu acho que além do amor e da amizade, é muito importante também na história a questão das divisões: os ricos e os pobres, os trouxas e os bruxos, os sangue puros e os sangue ruim, isso é a causa de toda a briga, não é? E principalmente isso do sangue, da origem de cada pessoa. (Alexia, 16)

No Brasil, um país mestiço, enxergar problemas nessa questão, algumas vezes até exaltada por aqui, não é muito comum.

As concepções religiosas, por outro lado, foram apontadas como as maiores sensuradoras da leitura de *Harry Potter*. Alguns leitores apontaram o fato de que, algumas vezes amigos ou familiares os criticaram por realizarem a leitura da série, e o alvo de tais críticas era sempre a temática, a bruxaria. Houve, no entanto, quem tenha conseguido ler na série, apesar de todas as críticas, uma mensagem cristã:

Aquela coisa do Harry quase morrer e voltar, livre de tudo, parece coisa do budismo, mas o fato dele querer morrer, de se entregar voluntariamente pelos outros é a coisa do sacrifício do cristianismo, o Harry Potter é meio que o 'Salvador do mundo', né? É o escolhido, o Messias. (Isis, 22)

Nada, porém, é mais forte entre os entrevistados, do que a leitura dos nobres sentimentos humanos na série britânica. A mensagem do amor é citada por todos eles,

quando questionados sobre uma possível mensagem que ficaria após o consumo da série, bem como os laços de amizade e a beleza da fidelidade a tais laços:

Tem a mensagem da amizade, de eles não se separarem nunca. Quando o Dumbledore morreu, ele (Harry) falou “não vou voltar pra Hogwarts no sétimo ano, eu vou correr atrás das”... É horcruxes em português né? Tá. E, e os amigos “Não, onde você for a gente vai com você”, foram juntos, tem uma amizade... É difícil você encontrar alguém assim. (Raphaela, 18 anos)

Partindo daquela virtude dos sentimentos mais nobres, [a mensagem] é o amor. No final das contas o que Harry Potter quer passar para a gente é a mensagem do amor, da união, de amizade. Prova disso é a amizade entre Harry, Rony e Hermione. E o amor vence no final. É clichê? Sim, mas as pessoas gostam de clichê. (Roustan, 20)

Nos livros falam muito do poder da escolha. Tudo o que te acontece é porque você escolheu alguma coisa que influenciou nisso, você tem o direito, até o poder da escolha, e ah, é claro, fala muito mesmo do amor. Amor e escolhas, escolher amar é o que faz as pessoas vencerem. (Marlom 21)

A amizade e a descoberta do amor poderiam ser vistas, neste ponto, como uma forma de ritual de iniciação que Propp (2003) propõe como sento a raiz, a origem dos contos de magia.

Harry Potter e seus amigos passam por tal ritual: saem de casa e são levados a um local desconhecido, a escola. Lá, além de aventuras, vivem suas primeiras experiências longe da família. O medo, o perigo, o amor e a fidelidade são os ingredientes dessa iniciação. Os problemas vividos por eles são compartilhados com o leitor, os mistérios só são solucionados aos olhos de quem lê, quando os personagens principais também os solucionam, o que faz com que os leitores também se sintam dentro e co-participantes do rito iniciático.

A história que narra o conflito entre os seres de sangue “puramente” bruxos e os miscigenados, contada a partir de uma Europa que já viveu genocídios de milhões de pessoas em busca de uma pureza ou hierarquia racial, e que constantemente convive com uma certa xenofobia diante da presença de imigrantes, chega a um Brasil que não

vive da mesma forma, ou na mesma intensidade tais problemas, mas que convive com uma desigualdade social/racial quase que perene. Parece mais comum que, aos olhos do leitor brasileiro, sejam mais vibrantes as cores das desigualdades sociais que as raciais.

Por serem mais ou menos da mesma idade que os personagens principais, os leitores também destacam os relacionamentos e as mudanças da infância para a fase adulta como sendo foco e mensagem central da série.

E há, ainda, e de extrema importância, a relação feita entre os mágicos personagens da série Harry Potter e os personagens da vida cotidiana de seus leitores, o aproveitamento dos temas e conflitos da trama na vida dos leitores, a forma como a experiência deles infere na leitura realizada:

Em termos de ensinamento eu vejo meu pai como o Dumbledore. Ele não tem aquela idade e aquela barba, claro [risos]. Como eu tinha o Dumbledore como herói, eu tenho meu pai como herói, assim, aquela pessoa, sabe, boa, que tem sempre uma mensagem positiva para passar e que te dá esperança e que conforta. O Dumbledore era a pessoa que estabilizava quando o Harry entrava em crise, tentava trazer para a normalidade. O Dumbledore era calado. Ele era uma presença. (Roustan, 20).

Um mundo paralelo, de fantasia, mas tem a escola e os problemas comuns com professores, diretores, fatores externos que influenciam essa escola, as “panelinhas”, professores queridos e carrascos, professores picaretas...tudo que tem em uma escola normal tem em Hogwarts. (Thaís, 16)

Talvez se eu lesse o livro hoje não seria a mesma coisa de quando eu tinha 14 anos. Na época me prendeu muito a questão psicológica de que ele sempre se achava diferente, alheio aquele mundo, ele achava que pertencia a outro lugar. E de fato pertencia. Eu acho que esse sentimento é típico da adolescência. (Isis, 22).

Uma vez mais a experiência destes leitores se mostra através da identificação deles com a narrativa: os problemas comuns da idade, como o não pertencimento a um grupo ou a uma forma de vida, os problemas relacionados à escola,

lugar que eles mais frequentam depois da própria casa e a identificação pessoal, seja de si mesmo com algum dos personagens, ou em relação às características desses personagens com alguma pessoa do convívio do leitor.

3.4. A colaboração com o texto

Todo texto, segundo Eco (2004), é preguiçoso e tem suas lacunas, espaços em branco, nos quais o leitor é o responsável pelo preenchimento para que a compreensão possa fluir. Não fosse de tal forma, os textos seriam de tal modo redundantes que a leitura aprazível não seria possível de ser realizada.

A cada novo livro publicado, a série ajudava no preenchimento de algumas lacunas, mas também abria outras tantas, e o leitor, divertia-se nesse jogo de elocubrar a respeito do futuro (algumas vezes até do passado de alguns personagens) da narrativa e de receber o veredicto do texto, visto que, “ao entrar no jogo do texto já se sabe que se tem que aguardar o veredicto final, a resposta dada pela história, que irá confirmar ou descartar as previsões do receptor” (GOMES 2006, p. 154)

Mas nenhuma lacuna na série *Harry Potter* foi tão notada e discutida pelos seus leitores quanto a que se dá ao final de suas sete obras. Rowling deixa uma lacuna de 19 anos na trama, quando salta da batalha final em *Hogwarts* até uma despedida que os personagens principais, *Harry*, *Rony* e *Hermione* fazem ao levar seus filhos até a plataforma nove e meio, de onde eles, partirão para a mesma escola de magia em que seus pais freqüentaram e onde praticamente toda a narrativa aconteceu.

O texto informa alguns casamentos, filhos que surgiram deles, a vida de alguns personagens, mas deixa completamente em aberto temas como a profissão que esses personagens teriam tomado, e mesmo a vida de muitos personagens secundários. Foi nesse ponto que o leitor mais se desdobrou em sua colaboração com a compreensão textual de Rowling, nesse ponto da narrativa que ele mais precisou continuar a fazer suposições e conjecturas:

Eu prefiro acreditar que ele [Harry] se tornou Auror...ele queria tanto...A Gina? Eu não sei...não pensei muito nela não...Mas acho que ser mulher do Harry Potter já está de bom tamanho, né?[risos] (Alexia, 16)

Os professores não tinham vida social, né? Quem sabe eles não se casaram depois da morte do grande vilão? (Roustan, 20)

O Neville se tornou professor, isso ficou claro. Talvez a Luna tenha se tornado professora também, a sucessora da Sibila, de adivinhação, é a cara dela, e talvez tenha até se casado com o Neville. (Isis, 22)

O Draco e o Harry, eu acho que apesar deles terem tido tanto problema e estarem meio distantes no final, eu acho que eles podiam acabar sendo amigos. Não amigos próximos como o Rony e a Hermione, mas um amigo. No final, ele não era tão mal, só era influenciado por aquele pai e aquela tia dele que eram tão próximos do Voldemort. (Matheus, 18).

Mesmo depois do desfecho ao leitor ainda é dada a chance de imaginar situações do texto, de refletir sobre os acontecimentos que ficaram suspensos, e eles o fazem. Partindo da grande bagagem adquirida ao longo de tantas páginas da série, baseados no conhecimento adquirido da forma de narrar da autora e dos perfis dos personagens, eles vão preenchendo as lacunas deixadas pela narrativa.

Fazendo conjecturas, imaginando, refletindo e pensando sobre o que viam, as receptoras entram no jogo dos textos, colaboram para o seu funcionamento, para que eles concretizem e ponham em prática sua capacidade comunicativa e sua potencialidade significativa. (GOMES, 2006)

Colocar o leitor na posição de co-autor da obra foi algo permanente na obra de Rowling. Uma série tão longa e tão cheia de lacunas, que chama o leitor a tal função a cada nova tomada, a cada surgimento de personagem, a cada nova situação. A cada micro desfecho, a posição imaginada pelo receptor foi confirmada ou negada. O potencial de significados de que trata Gomes foi explorado a cada livro, mas não se esgotou no final do sétimo. Talvez por já conhecer tão bem seu público quanto este conhecia sua obra, Rowling ainda o brindou com um espaço de longos dezenove anos para conjecturas, imaginações e reflexões, exercícios mentais que podem levar uma vida toda, posto que uma outra voz corrente entre os leitores entrevistados era a de que eles estavam guardando os livros para que seus futuros filhos os pudessem ler, fato que, caso ocorra, pode colaborar com a realização da profecia proferida em relação a *Harry Potter* pela professora Minerva McGonagall ainda nas primeiras páginas do primeiro livro da série: “todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler é um ato que parece ter sido desempenhado pela espécie humana desde o seu surgimento: ler nas nuvens do céu a probabilidade de chuva ou de sol, ler na face do outro a sua antipatia ou simpatia, ler no movimento do animal se ele está atento ou se vulnerável, ler as pegadas na areia ou na lama, ler gravuras em paredes de cavernas, ler mensagens em pedras, pergaminhos, papel ou na tela de um computador. As dimensões da leitura nem sempre foram as mesmas que se conhece na atualidade. Muitos suportes contemporâneos não existiam no século passado, outros, desenvolvidos na década passada, já são agora considerados obsoletos. A leitura é sempre atual, presente e necessária.

O jovem leitor contemporâneo é acusado de ler pouco, mal, e até mesmo de não ler, mas é ele o responsável pelo fenômeno de leitura que é a série *Harry Potter*. Esse leitor, ainda que more em uma cidade interiorana, de periferia, mesmo que ele não tenha seu próprio computador ou acesso à internet em casa, é, assim mesmo “antenado”, está ligado ao movimento do mundo, às mudanças cada vez mais rápidas nas formas de comunicação (e por consequência, nas de leitura) e sabe muito bem como utilizá-las.

Na Inglaterra, a narrativa que trata da saga de um menino bruxo conquistou seu espaço primeiramente através dos livros da série, para depois sofrerem adaptações e chegarem às telas do cinema. No Brasil, o cinema e a divulgação que ele traz consigo, é que parece ter sido o responsável pela divulgação da narrativa. A maioria dos leitores afirma que o primeiro contato com a série se deu através do primeiro filme ou até

mesmo da publicidade dele, principalmente para aqueles que moram no interior onde não se tem cinema, livrarias e nem mesmo locadoras. Em alguns casos, o filme só foi conhecido quando foi reproduzido pela TV aberta. A exposição nesse outro suporte, porém, não atrapalhou a primeira forma de leitura, ou seja, a do livro, ao contrário, a estimulou, posto que, a partir de um primeiro contato com a série, o leitor, que viria a se tornar fã interessa-se pela saga, e busca conhecer os livros. Nem todo leitor é colecionador de artefatos da série, mas normalmente eles gostam de possuir os livros, mesmo já lidos assim como os DVDs dos filmes, mesmo já os tendo assistido.

Se o leitor contemporâneo está acostumado a transitar por variados meios de comunicação e leitura e a série em questão se apresenta e todos eles, então pode-se supor que todos esses meios podem ser citados como uma porta de entrada para o mundo mágico de *Harry Potter*, porém, sua permanência na saga e até mesmo sua paixão por ela não poderiam ser justificadas com o mesmo argumento. Uma boa divulgação pode se fazer comprar e até mesmo ler um livro, mas a série é composta por sete longos livros, todos com mais de 200 páginas. É preciso gostar do que se está lendo para se vencer, por exemplo, 500 páginas que narram fatos ocorridos em um mundo de fantasias, um mundo bruxo.

A história contada por Rowling, apresenta um herói que busca a reparação de um dano que ele sofreu, recebe ajuda em sua busca, tem um antagonista que se arma contra ele, vence a batalha com seu inimigo e se casa no final, em suma, realiza as funções que Propp propõe para a existência de um conto maravilhoso, ou como nas palavras de Smadja (2004) *Harry Potter* é um conto de fadas moderno. E os contos de fadas sempre atraíram jovens leitores em muitos lugares do mundo, e se Rowling

escreveu um neste momento e ele ainda é sucesso de público, é sinal que este tipo de narrativa ainda é eficiente.

Se o leitor sul-mato-grossense pouco se interessou pelas discussões acerca do diferente, do imigrante, do miscigenado é por que isso não o incomoda, não chega a ser um problema no seu local, não quer dizer que ele não compreendeu o texto, pois ele viu nele os seus problemas, aqueles com os quais ele tem contado, os já experimentados, tais como, diferenças sociais, os problemas comuns da adolescência como amizades, namoros, família.

A grande felicidade da obra de Rowling, que tratou tanto do bem e do mal, poderia estar na forma como ela soube tratar outras dicotomias: o antigo, livro, e o atual, cinema, *game*; o efêmero (o entretenimento, a emoção) e o eterno – a leitura.

REFERÊNCIAS

- ANG, Ien. **The nature of the audience.** In: **Questioning the media: a critical introduction.** 1990.
- BLOOM, Harold. **Gênio.** São Paulo: Objetiva, 2003.
- BORELLI, Silvia H. Simões. **Harry Potter: cenários juvenis, adultescência, juvenilização.** In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos: Intercom, 2007.
- ECO, Umberto. **Lector in fabula.** São Paulo: Perspectiva, 2004.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **As musas sob assédio: literatura e indústria cultural no Brasil.** São Paulo: Editora Senac, 2005.
- GITLIN, Todd. **Mídias sem limite.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- GOMES, Márcia M. **Telenovelas, aprendizagem de conteúdos sociais e entretenimento.** Revista do programa de pós-graduação da UFPE. Ed. Universitária UFPE, 2005.
- GOMES, Márcia M. **Experimentando com os Programas. A Leitura Analítica na Recepção de Telenovelas..** In: **O que sabemos sobre audiências? Estudos latino-americanos.** JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa Reinhardt; VILELA, Rosário Sánchez. Porto Alegre: Armazém Digital, 2006.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. **Encoding/decoding.** In: Culture, Media, Language. Working papers in Cultural Studies, 1972-1979. London : Hutchinson/CCCS, 1980.

- JAMESON, Fridrich. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 2002.
- LOPES, Edward. **A identidade e a diferença**. São Paulo: Edusp, 1997.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARTIN-BARBERO, Jesus; REY, G. **Os exercícios do ver**. São Paulo: Senac, 2001.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- MORLEY, David. **Televisión, Audiencias y estudios culturales**. Amorrortu: Buenos Aires, 1996.
- PROPP, Vladimir Iakovlevitch. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- PROPP, Vladimir Iakovlevitch. **As Raízes históricas do Conto Maravilhoso**. São Paulo: Martins Editora, 2003.
- ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.
- ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.
- ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.
- ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia**. São Paulo: Loyola, 2002.

SMADJA, Isabelle. **Harry Potter: as razões do sucesso**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Bauru: Edusc, 2003.

Revista veja, edição especial Mulher. Editora Abril. Junho de 2007. Ano 40 (VEJA 2010) página 54.

ANEXO

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- Contato com o livro, usos dos mcm, e a relação entre leitura e outros produtos

HP:

- Os livros, compreensão e entendimento/degustação da narrativa
- Rituais de consumo
- O livro e o filme

A-- Contato com o livro, usos dos mcm, e a relação entre leitura e outros produtos HP:

1. Quais são os seus hábitos de consumo de mc? (gibis, filmes, cartoons...)
2. O que você lê (de gibis, livros, revistas) ou assiste (televisão e filmes) geralmente?
 - Por que você começou a ler HP?
 - Como você chegou a esse livro?
 - 1- Você já tinha o hábito de ler antes de HP?
3. Qual foi o primeiro livro que você leu? (ganhou, comprou ou emprestou?)
4. Já tinha assistido algum dos filmes de HP?
5. Já tinha visto/gostado dos outros produtos (camisetas, canecas, agendas) antes de ler?
6. Quantos deles você leu? Por qual começou?

B-- Os livros, compreensão e entendimento/degustação da narrativa

1. Do seu ponto de vista, do que tratam os livros de Harry Potter?
2. O que mais chamou a sua atenção na história?
3. Do que você mais gostou neles?
 - o E do que menos gostou?
4. Quais são os seus personagens favoritos?
5. Se você fosse um dos personagens, qual seria?
6. Algum deles se parece – em algo – com você?
7. Qual é a sua opinião sobre os personagens:
 - o Hermione, Ron, Luna, Neville,
 - o Dumbledore, Minerva, Hagrid, Snape, Sirius e Voldemort
 - o Os tios, o primo e os pais de Harry?
 - o Quando você desconfiou de Quirrell (primeiro livro), Gina (segundo), Sirius (terceiro), Moody (quarto) e Snape (sexto e sétimo)
8. Há uma divisão entre o bem e o mal nas histórias?
 - o Dá pra dividir os personagens dessa forma?
9. Qual é a mensagem central de Harry Potter para você?
 - o Essa mensagem serve para sua vida?
 - o Ela te ensina algo?
10. O que você achou dos romances:
 - o Hermione x Krum, Hermione x Ron; Harry x Cho; Harry x Gina.
 - o Você esperava por algum romance que não aconteceu?

11. E a parte das aventuras,
 - o Você gostava
 - o Qual a sua preferida?
 - o Qual das aventuras você mais se recorda ou que mais chamou a sua atenção?
12. E sobre Harry Potter,
 - o O que você acha dele? É um herói?
 - o Quais são suas principais habilidades? Suas principais armas? Suas principais conquistas?
13. O que você acha dos elfos e dos outros bichos que tem nessa historia?
14. Essa história é totalmente fantasiosa ou alguns eventos ali citados poderiam ter ocorrido num mundo real?
15. Se você pudesse, tem algo que gostaria de modificar nessa história ou em seus personagens?

C-- Rituais de consumo

1. Em quais lugares você costumava ler os livros? Em quais momentos do dia?
2. Depois de começar, você tem presa de terminar ou tanto faz?
3. Comentava a leitura com alguém? Com quem?
4. Você releu algum livro? Qual?
5. Alguém o criticou por ler HP?
 - o Se sim, com quais argumentos?
6. Você costuma anotar ou grifar frases do livro quando as lê?

7. Você sabe alguma frase do livro de cor?

D-- O livro e o filme

1. Quais filmes você já assistiu? Qual foi o primeiro e qual foi o último?
2. Assistiu quando e quantas vezes?
3. Prefere livro ou filme? Por que?
4. Notou alguma mudança do texto escrito para o texto cinematográfico?
 - Quais? Aprovou-as?
5. Os atores se parecem com os personagens imaginados por você? E os lugares?
6. Quando você lê um livro depois de ter visto o filme, imagina o personagem com as características do ator que o interpreta ou você tem uma imagem própria dele?
E sobre os lugares?